

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ANA CLÁUDIA OLIVEIRA MACHADO

A IGREJA E A FAMÍLIA:
“ÂNCORAS” NA TRAVESSIA DO MEIO

São Leopoldo

2009

ANA CLÁUDIA OLIVEIRA MACHADO

A IGREJA E A FAMÍLIA:
“ÂNCORAS” NA TRAVESSIA DO MEIO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do Grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Orientador: Dr. Rodolfo Gaede Neto

Co-Orientador: Remí Klein

São Leopoldo

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M113i Machado, Ana Cláudia Oliveira
A igreja e a família: “âncoras” na travessia do meio
/ Ana Cláudia de Oliveira Machado ; orientador Rodolfo
Gaede Neto ; co-orientador Remí Klein. – São Leopoldo
: EST/PPG, 2009.
96 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2009.

1. Adolescentes – Aspectos religiosos. 2.
Adolescentes – Vida religiosa. 3. Obras da igreja junto
aos adolescentes. 4. Adolescentes – Aspectos sociais.
5. Adolescentes – Aspectos psicológicos. 6. Família –
Aspectos religiosos. 7. Pais e filhos. I. Gaede Neto,
Rodolfo. II. Klein, Remí. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ANA CLÁUDIA OLIVEIRA MACHADO

A IGREJA E A FAMÍLIA:
“ÂNCORAS” NA TRAVESSIA DO MEIO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do Grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Data:

Rodolfo Gaede Neto – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Remí Klein – Doutor em Teologia – Faculdades EST

PAIS MAUS

“Um dia quando os meus filhos forem crescidos o suficiente para entender a lógica que motiva os pais e mães, eu hei de dizer-lhes: - Eu amei-vos o suficiente para ter perguntado aonde vão, com quem vão e a que horas regressarão.

- Eu amei-vos o suficiente para não ter ficado em silêncio e fazer com que vocês soubessem que aquele novo amigo não era boa companhia.
- Eu amei-vos o suficiente para vos fazer pagar os rebuçados que tiraram do supermercado ou revistas do jornaleiro, e vos fazer dizer ao dono: “Nós tiramos isto ontem e queríamos pagar”.
- Eu amei-vos o suficiente para ter ficado em pé, junto de vocês, duas horas, enquanto limpavam o vosso quarto, tarefa que eu teria feito em 15 minutos.
 - Eu amei-vos o suficiente para vos deixar ver além do amor que eu sentia por vocês, o desapontamento e também as lágrimas nos meus olhos.
- Eu amei-vos o suficiente para vos deixar assumir a responsabilidade das vossas ações, mesmo quando as penalidades eram tão duras que me partiam o coração.
- Mais do que tudo, eu amei-vos o suficiente para vos dizer **NÃO**, quando eu sabia que vocês poderiam me odiar por isso (e em alguns momentos até odiaram).

Estas eram as mais difíceis batalhas de todas. Estou contente, venci... Porque no final vocês venceram também! E qualquer dia, quando os meus netos forem crescidos o suficiente para entender a lógica que motiva os pais e mães; quando eles lhes perguntarem se os seus pais eram maus, os meus filhos vão lhes dizer:

“Sim, os nossos pais eram maus. Eram os piores do mundo... As outras crianças comiam doces no café e nós só tínhamos que comer cereais, ovos, torradas. As outras crianças bebiam refrigerantes e comiam batatas fritas e sorvetes ao almoço e nós tínhamos que comer arroz, feijão, carne, legumes e frutas. Nossos pais tinham que saber quem eram os nossos amigos e o que nós fazíamos com eles. Insistiam que lhes disséssemos com quem íamos sair, mesmo que demorássemos apenas uma hora ou menos. Nossos pais insistiam sempre conosco para que lhes disséssemos sempre a verdade e apenas a verdade.

E quando éramos adolescentes, eles conseguiam até ler os nossos pensamentos. A nossa vida era mesmo chata!”

“Nossos pais não deixavam os nossos amigos tocarem a buzina para que saíssemos; tinham que subir, bater à porta, para que os nossos pais os conhecessem.

“Enquanto todos podiam voltar tarde da noite com 12 anos, tivemos que esperar pelo menos 16 para chegar um pouco mais tarde, e aqueles chatos levantavam para saber se a festa foi boa (só para verem como estávamos ao voltar)”.

“Por causa dos nossos pais, nós perdemos imensas experiências na adolescência.

- Nenhum de nós esteve envolvido com drogas, em roubo, em atos de vandalismo, em violação de propriedade, nem fomos presos por nenhum crime”.

“FOI TUDO POR CAUSA DOS NOSSOS PAIS!”

“Agora que já somos adultos, honestos e educados, estamos a fazer o melhor para sermos “**PAIS MAUS**”, como eles foram.

EU ACHO QUE ESTE É UM DOS MALES DO MUNDO DE HOJE:

NÃO HÁ PAIS MAUS SUFICIENTES ”!

Dr. Carlos Hecktheuer, Médico Psiquiatra

A meu querido filho, Marcos Paulo (19 anos), primeiro pupilo, seu nome significa: "pequeno servo", adolescente amado e já no fim da "travessia do meio", minha querida Larissa (14 anos), seu nome significa: "cheia de alegria", minha adolescente preferida, iniciando sua travessia, e meu querido filhinho Isaac (05 anos), "filho da promessa", em breve chegará à travessia. Vocês me ensinam a viver intensamente em minha missão de mãe, inspiram-me a querer saber mais e ser capaz de ajudá-los a trilhar pelos caminhos incertos da adolescência. Reforçando em mim a crença de que vale a pena viver a missão com otimismo e certeza, a cada passo de queda ou de glória no caminho do amor e perdão.

AGRADECIMENTOS

A Árvore de Amigos

A Deus, tronco de nossa árvore e grande sustentáculo, guia em nossos projetos de vida, toda adoração, louvor e gratidão por tudo o que tens feito e pelo que irá fazer.

Existem pessoas em nossas vidas que nos deixam felizes pelo simples fato de terem cruzado o nosso caminho.

Algumas percorrem ao nosso lado, vendo muitas luas passarem, mas outras apenas vemos entre um passo e outro.

A todas elas chamamos de amigos.

Há muitos tipos de amigos.

Talvez cada folha de uma árvore caracterize cada um deles.

O primeiro que nasce do broto é o amigo pai: Luiz da Hora Oliveira, e a amiga mãe: Jailda Viana de Andrade Oliveira, instrumentos de Deus para me trazer ao mundo e referenciais em minha vida. Depois vêm os amigos irmãos, com quem dividimos nosso espaço para que ele floresça como nós: Lucimária, Luciano e Lidiane, amo vocês!

Passamos a conhecer toda a família de folhas, a qual respeitamos e desejamos bem, porém o destino nos apresenta outros amigos, os quais não sabíamos que iriam cruzar o nosso caminho: Eduardo, Pety, Kel, Itacy e Ana.

Muitos desses denominados amigos do peito, do coração. São sinceros, são verdadeiros. Sabem quando não estamos bem, sabem o que nos faz feliz. A Mônica por sua dedicação e chás deliciosos...

Às vezes, um desses amigos do peito faz pulsar mais forte nosso coração, dá brilho a nossos olhos, música a nossos lábios, pulo a nossos pés, e então é chamado de amigo namorado: Clóvis Araújo, meu amado esposo, por compreender a bagunça dos livros espalhados pelo quarto e por sua companhia.

Mas também há aqueles amigos por um tempo, talvez umas férias ou mesmo um dia ou uma hora: Professora Fátima Luz, colega e grande incentivadora para que eu fizesse o Mestrado.

Esses costumam colocar muitos sorrisos na nossa face, durante o tempo que estamos por perto: Professora Ana Lúcia, companheira de quarto em São Leopoldo, que me deu muita força. Meus queridos adolescentes da Primeira Igreja Batista em Valença – BA, meu Pastor: Adelson Augusto Brandão Santa Cruz.

Falando em perto, não podemos esquecer dos amigos distantes: Queridos colegas de mestrado sentirei saudades...

Aqueles que ficam nas pontas dos galhos, mas que quando o vento sopra, sempre aparecem novamente entre uma folha e outra.



O tempo passa, o verão se vai, o outono se aproxima e perdemos algumas de nossas folhas: + Aiden Viana Machado (minha avó materna).

Algumas nascem num outro verão e outras permanecem por muitas estações: Meus amados filhos: Marcos Paulo, Larissa (adolescentes queridos) e Isaac (filhinho da promessa), troféus de minha vida, frutos maravilhosos de minha árvore, por vocês procuro conhecer mais, a fim de ser uma mãe inesquecível!

Mas o que me deixa mais feliz é que as que caíram continuam por perto, continuam alimentando nossa raiz com alegria: Ao querido orientador, professor Dr. Rodolfo Gaede Neto, por ter apontado caminhos e instigado muitas reflexões. Ao co-orientador, professor Dr. Remí Klein, pela fraternura.

Lembranças de momentos maravilhosos enquanto cruzava com nosso caminho: Irma e professora Gisela Streck.

Desejo a você, folha da minha árvore: Paz, Amor, Sucesso, Saúde, Prosperidade... Hoje e sempre... Simplesmente porque:



Cada pessoa que passa em nossa vida é única.

Sempre deixa um pouco de si e leva um pouco de nós.

Há os que levaram muito, mas há os que não deixaram nada.

Esta é a maior responsabilidade de nossa vida e a prova evidente de que duas almas não se encontram por acaso.

(Autor desconhecido)



RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo pontuar as mudanças sofridas pelas instituições Igreja e Família, “âncoras” e aportes significativos para a adolescência (travessia do meio). Aborda a Igreja e o papel da família dos adolescentes integrantes da Igreja Batista, em Valença – BA, diante das transformações físicas, emocionais, psíquicas e espirituais de seus filhos, e como essas transformações podem contribuir para o desenvolvimento e o amadurecimento psicossocial do adolescente, a fim de ajudá-lo na formação da construção de sua identidade e a sobreviver num mundo em constantes mudanças.

Palavras-chave: Adolescência. Família. Igreja.

ABSTRACT

This present research got as a goal to punctuate the changes suffered by the institutions: Church and Family, "anchors" and significant contributions to adolescence (through the middle). Accosting the church and the role from the teenagers' family, members from the Baptist Church in Valença - BA, in the presence of physical changes, emotional, mental and spiritual from ones children and how these changes can contribute to the psychosocial development and teenagers' maturation to help them in forming the construction of their identity and survive in a world in constant changes.

Keywords: Adolescence. Family. Church.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O ADOLESCENTE E SEUS DILEMAS	14
1.1 Histórico da adolescência	14
1.2 Período da adolescência	15
1.3 Adolescente: quem sou eu?	16
1.4 Os dilemas do adolescente na “travessia do meio”	19
1.4.1 Dilema espiritual	19
1.4.2 Estágios da fé	19
1.4.3 A fé sintético-convencional: período da adolescência	20
1.4.4 A experiência de conversão do adolescente	21
1.4.5 Estágios de conversão do adolescente	22
1.5 Dilemas biológicos e psicossociais	23
1.5.1 Confusão pubertária – FASE 1: meninas - 9 a 10 anos/meninos - 10 e 11 anos	23
1.5.2 Onipotência pubertária – FASE 2: meninas - 12 a 14 anos	23
1.5.3 Onipotência juvenil – FASE 3: 15 a 16 anos	24
1.5.4 Dilema sexual	24
1.6 Dilemas emocionais	25
1.6.1 Sentimento de inferioridade	25
1.6.2 Atitude reivindicatória	26
1.6.3 Flutuação do humor	26
1.6.4 O dilema da drogadição	27
1.6.5 Dilema do suicídio	28
1.6.6 O desamparo dos pais	29
1.6.7 O dilema de enfrentar a separação dos pais	29
1.6.8 Dilema vocacional: inserção no mundo do trabalho	30
2 A IGREJA E A FAMÍLIA: SUPORTES SIGNIFICATIVOS NA VIDA DO ADOLESCENTE	32
2.1 Introdução	32
2.2 Breve histórico sobre a formação da igreja Batista	33
2.3 A missão da igreja	34
2.3.1 A missão e visão da Primeira Igreja Batista em Valença – BA	35
2.3.2 As transformações da igreja	37
2.3.3 Igreja: uma comunidade terapêutica para a família	38
2.3.4 O adolescente e a igreja	39
2.4 A família	40
2.4.1 O que é família	40

	11
2.4.2 <i>Novos perfis da família</i>	42
2.4.3 <i>A legislação e a educação familiar</i>	43
2.4.4 <i>O ciclo de vida familiar</i>	46
2.4.5 <i>Família com adolescente</i>	47
3 PROJETO DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICO COM ADOLESCENTES E PAIS DA I IGREJA BATISTA EM VALENÇA - BA	50
3.1 Igreja e família: “âncoras” na travessia do meio	50
3.2 Orientação à família	50
3.3 Projeto para pais de adolescentes	51
3.4 O que a igreja pode fazer em prol do adolescente	52
3.4.1 <i>Sugestões de trabalhos que podem ajudar no crescimento espiritual do adolescente</i>	53
3.4.2 <i>Sugestões de trabalhos que proporcionam estabilidade social e emocional do adolescente</i>	53
3.5 A ação ministerial	54
3.6 O ensino bíblico para o adolescente	55
3.7 A Escola Bíblica Dominical imprescindível para o adolescente	55
3.8 A escolha e a capacitação de professores	55
3.9 O professor da Escola Bíblica Dominical	56
3.9.1 <i>O perfil do professor da Escola Bíblica Dominical</i>	57
3.9.2 <i>O que ensinar em cada fase</i>	58
4 FAMÍLIA: “ÂNCORA” PARA O ADOLESCENTE	61
4.1 Exercer a diaconia de seus filhos	61
4.2 Ser exemplo para seus filhos	63
4.3 Disciplinar seu filho	64
4.4 Orar por seu filho	66
CONCLUSÃO	67
REFERÊNCIAS	69
ANEXO A: Dinâmicas que ajudam no crescimento espiritual e auxiliam na formação dos valores morais e espirituais	74
ANEXO B: Sugestões de trabalhos que proporcionam estabilidade social e emocional do adolescente	82
ANEXO C: Cronograma de aulas	91
ANEXO D: Para professores da EBD	92
ANEXO E: Para os Pais	94

INTRODUÇÃO

Erik Erikson descreve o período da adolescência como a “travessia do meio”, pois, para o autor, o adolescente não é mais criança e estará atravessando uma ponte para chegar à juventude. Essa travessia é marcada por uma série de mudanças profundas que atingem não apenas o adolescente, mas toda a família envolvida no processo. Este período, geralmente concebido como sinônimo de crise, angústia, perturbação e turbulência, também pode ser uma oportunidade de crescimento, se observado numa perspectiva mais ampla, levando-se em conta a complexidade da vida familiar.

Sob o ponto de vista sistêmico, portanto, a adolescência caracteriza-se como um período de transformação e reorganização das relações familiares e eclesiais, se entendermos a família e a igreja como aportes significativos e porto seguro para o adolescente, compreenderemos a adolescência como um momento especial que impulsionará ambas na direção de novas configurações e novos padrões de interação.

Abordaremos sobre a igreja e o papel da família dos integrantes da Igreja Batista em Valença – BA, diante das transformações físicas, emocionais, psíquicas e espirituais de seus adolescentes e como as mesmas podem contribuir para o desenvolvimento e o amadurecimento psicossocial do adolescente, a fim de ajudá-lo na formação da construção de sua identidade, sobrevivendo num mundo em constantes mudanças.

O “adolescer” dói demais porque é um processo verdadeiro e doloroso, início da separação, uma etapa evolutiva que é peculiar ao ser humano em seu desenvolvimento maturacional e biopsicossocial.

Os referenciais teóricos que embasarão esta pesquisa serão: Erik Erikson - que apresenta a teoria do desenvolvimento, em que as idéias de Freud e Daunis se mesclam de forma admirável, quando destacando em cada etapa evolutiva a existência de conflitos e que a identidade tem sua crise normal na adolescência - e algumas abordagens de Gunther Klosinski - que destaca as situações, conflitos e desafios para o adolescente de hoje. Sobre a família, a pesquisa bibliográfica será feita a partir das visões dos autores: Betty Carter e Mônica McGoldrick - que

abordam as mudanças no ciclo de vida familiar - além de Valburga Streck e Christoph Schneider-Harpprecht - que apresentam imagens da família contemporânea, com dinâmicas, conflitos, terapias e desafios para a sociedade e Igreja. Acerca da Igreja, a pesquisa se valerá de Ariovaldo Ramos, Jamiel Lopes, James Fowler, entre outros.

Para atingirmos os objetivos propostos, utilizamos a pesquisa bibliográfica com suporte na leitura de alguns livros. As categorias de análise serão: adolescência, família, amadurecimento psicossocial e construção da formação da identidade.

A dissertação foi estruturada em três capítulos. Eles serão conectados da seguinte forma: No primeiro capítulo, daremos enfoque às dificuldades enfrentadas pela família, adolescentes e igreja, e as grandes mudanças culturais que têm afetado sua estrutura; a Igreja, que servia de parâmetro e apoio para as redes familiares, tentando criar novas formas de orientar às comunidades.

O segundo capítulo descreverá a adolescência (travessia do meio), pois estão numa fase intermediária de vital importância para a construção da formação da identidade, esclarecendo a busca do sentido da vida e a dimensão religiosa, suas curiosidades, “onipotência”, dilemas e crises.

No terceiro capítulo, apontaremos caminhos possíveis e viáveis para a igreja e a família através de um projeto psicopedagógico, que trata da questão do adolescente em sua trajetória, viabilizando meios para que a igreja e a família sejam orientadas para lidar com o adolescente de forma saudável.

Portanto, esta pesquisa aborda a família e a igreja, “âncoras” importantes na formação da identidade do adolescente e de seu amadurecimento na resolução dos conflitos internos e externos que os mesmos passam na fase da adolescência (travessia do meio).

1 O ADOLESCENTE E SEUS DILEMAS

1.1 Histórico da adolescência

O termo “adolescência” é bem atual, pois a história registra que o ser humano viveu períodos de vida determinados como infância, vida adulta e velhice, pois os termos juventude e adolescência eram inexistentes. Stanley Hall¹, considerado o Pai da Psicologia da Adolescência, foi o primeiro autor que estudou a fase da adolescência com rigor científico. A teoria de Stanley ficou conhecida como recapitulação, pois o mesmo foi influenciado por Darwin, que defendeu a idéia de que somos determinados por fatores genéticos e que o comportamento e desenvolvimento do ser humano ocorre de forma universal e imutável. Segundo Stanley, o ser humano se desenvolve por estágios que correspondem aos da história da humanidade. Além disso, influenciado por Rousseau, Stanley ainda defende que a sociedade corrompe o adolescente².

Aberastury e Knobel defendem o ponto de vista de que o jovem precisa vencer três perdas fundamentais: o luto do corpo infantil, da identidade infantil e dos pais da infância³.

Içami Tiba afirma que desde o início da puberdade até o final da adolescência há muitas contestações, crises de autoridade, exageros, birras, sofrimentos com sentimentos de estar sendo rejeitado e injustiçado, expansão do ego, timidez, exibicionismo, com intensidades variáveis, dependendo da fase do indivíduo⁴.

A adolescência surgiu como única solução para que os pais e os legisladores mantivessem as crianças longe do mercado de trabalho e dentro da escola.

A extensão do período escolar, o distanciamento dos pais e da família, e a aproximação de um grupo de iguais foram as conseqüências dessas exigências sociais. A sociedade assiste, então, à criação de um novo grupo social com padrão coletivo de comportamento: a juventude, a adolescência. Outro fator importante que a adolescência pode ser entendida também

¹ Nascido em Massachusetts no ano de 1844.

² Apud FERREIRA, Berta. *O cotidiano do adolescente*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 41.

³ ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. p. 37.

⁴ TIBA, Içami. *Adolescente: quem ama, educa!* São Paulo: Integrare, 2005. p. 43.

como forma de justificativa da burguesia manter seus filhos longe do trabalho.⁵

Clímaco⁶ aponta que o desemprego na sociedade capitalista trouxe a exigência de retardar o ingresso dos jovens e adolescentes no mercado de trabalho e de aumentar os pré-requisitos para esse ingresso. A ciência, por sua vez, resolveu vários problemas dos seres humanos, prolongando sua vida e respondendo a desafios nos campos de sobrevivência e do trabalho, através da sofisticação tecnológica do trabalho, e para acompanhá-la a sociedade moderna passou a exigir um tempo prolongado de formação adquirida na escola.

1.2 Período da adolescência

No Brasil, segundo a pesquisa *A Voz do Adolescente*, os dados finais do Censo 2000 indicaram 21.249.557 adolescentes com idade entre 12 e 17 anos⁷. Conforme Melo⁸, a região Nordeste é a segunda região brasileira em número de crianças e adolescentes, com 19,2 milhões.

As idades citadas dependerão do processo individual de cada adolescente. O conceito que utilizaremos neste trabalho será de adolescência e não de juventude, por expressar mais claramente a faixa etária da proposta deste, embora alguns autores não diferenciem juventude de adolescência.

De acordo com Felipe Watara e Geraldo Romanelli⁹, uma forma de classificação de âmbito internacional utilizada por vários pesquisadores é a da Organização Internacional do Trabalho, segundo a qual a juventude é dividida em dois períodos. O primeiro deles, considerado a fase da adolescência, vai de 15 a 19 anos, enquanto a juventude propriamente dita corresponde à faixa etária de 20 a 24

⁵ CONTINI, Maria de Lourdes (Coord.). *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 23.

⁶ CLÍMACO apud CONTINI, 2002, p. 22.

⁷ UNICEF. *A voz dos adolescentes*. Disponível em: <<http://www.unicef.org/brazil/pt/vozdosadolescentes02.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2009. p. 27.

⁸ MELO, Mônica. *A Representação da violência em adolescentes de escolas da rede pública de ensino do Município do Jaboatão dos Guararapes*. Disponível em: <http://www.abrasco.org.br/cienciasaudecoletiva/artigos/artigo_int.php?id_artigo=3178>. Acesso em: 21 abr. 2009.

⁹ WATARAI, Felipe; ROMANELLI, Geraldo. *Trabalho e identidade de adolescentes do sexo masculino de camadas populares*. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000082005000200089&script=sci_arttext>. Acesso em: 21 abr. 2009.

anos. Também no plano internacional, a Organização Mundial de Saúde estabelece entre 10 e 19 anos a fase da adolescência.

Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente, Art. 2º: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”¹⁰.

Roberto Daunis¹¹ aponta que a primeira fase da adolescência é chamada de pré-adolescência e inicia aproximadamente aos 10 anos. A segunda fase acontece dos 13/14 aos 19 anos. A etapa final deste período ocorre em média dos 20 aos 25 anos, chamada juventude ou adolescência final.

1.3 Adolescente: quem sou eu?

O que é um adolescente? Por que esse nome? Os dicionários definem o adolescente como aquela pessoa que está passando pela adolescência. Esta palavra vem do latim e quer dizer “fase de crescimento”. A adolescência chama a atenção porquanto nela a criança acelera intensamente o seu crescimento, acompanhado de fortes modificações comportamentais.

Segundo José Outeiral¹², a palavra adolescência tem uma origem etimológica dupla. Vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer) e significa processo de crescimento. (Também deriva de *adolescere* – adoecer, enfermar). De acordo com a etimologia, a adolescência é um processo de crescimento físico e psíquico e, ao mesmo tempo, é sofrimento emocional. Além destes aspectos, somam-se os aspectos sociais e culturais.

Sérgio Ozella define a adolescência como um construto produzido pelo cotidiano da vida moderna. Ele acredita que é um momento significativo e interpretado pelo ser humano de acordo com o período histórico que vive e, por isso, não é um período natural de desenvolvimento.

¹⁰ REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei n. 8.069. Brasília, 13 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l8069.htm>. Acesso em: 29 abr. 2009.

¹¹ DAUNIS, Roberto. *Jovens, desenvolvimento e identidade: troca de perspectiva na psicologia da educação*. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 53.

¹² OUTEIRAL, José. *O adolescer: estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 6.

Dessa forma, consideramos que a adolescência é criada historicamente pelo homem, enquanto representação e enquanto fato social e psicológico. É constituída como significado na cultura, na linguagem que permeia as relações sociais. Fatos sociais surgem nas relações e os homens atribuem significados a esses fatos. São marcas corporais, são necessidades que surgem, são novas formas de vida decorrentes de condições econômicas, são condições fisiológicas, são descobertas científicas, são instrumentos que trazem novas habilidades e capacidades para o homem. Quando definimos adolescência como isto ou aquilo, estamos constituindo significações (interpretando realidade), a partir de realidades sociais e de marcas que são referências para a constituição dos sujeitos.¹³

Alberto Melucci¹⁴ aponta a adolescência como uma seqüência temporal da vida, porque a maturação biológica faz emergir potencialidades. Isto não quer dizer que seja apresentada de forma linear. Assim, o início da adolescência pode ser marcado no momento da capacidade de procriar, quando o adolescente assume responsabilidades, dar provas de auto-suficiência e busca sua independência, dentre outros sinais corporais e psicológicos.

Jean Piaget¹⁵ caracteriza a adolescência não como uma transição física e sim como uma transição social e diferencia adolescência de puberdade. No estágio das operações formais, o raciocínio do adolescente passa a ser independente do “concreto”, da realidade. Para a construção das operações formais, várias estruturas são criadas. Uma delas é o raciocínio hipotético-dedutivo, que é a capacidade de deduzir conclusões e a capacidade de pensar sobre o real e o hipotético.

Guillermo Carvajal¹⁶, não obstante a tantas colocações de teóricos, não poderia deixar de mencionar uma visão psicanalista, abordada pelo autor: a adolescência é um período inevitável do desenvolvimento psicológico do ser humano. Não existe nenhuma possibilidade de escapar dele, e tentar fazê-lo provoca graves conseqüências psíquicas.

Não existe uma adolescência, e sim várias. O próprio conceito de que ela é um fenômeno universal é muito duvidoso, pois existem sociedades nas quais a passagem da vida (travessia), da fase infantil para adolescência e,

¹³ OZELLA, Sérgio. Adolescência e Psicologia. In: CONTINI, Maria de Lurdes J. (Coord.). *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 20.

¹⁴ MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação: juventude e contemporaneidade*, São Paulo, n. 4-5, 1997.

¹⁵ PIAGET apud WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1997. p. 42.

¹⁶ CARVAJAL, Guillermo. *Tornar-se adolescente: a aventura de uma metamorfose. Uma visão psicanalítica da adolescência*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 75.

conseqüentemente, a adultez, acontece gradativamente, pois a criança vai recebendo direitos e funções até que atinja plenamente a condição de adulto, o que faz desaparecer as características do que chamamos de “crise de adolescência”.

Em outras sociedades existe um ritual de passagem (geralmente na puberdade) após o qual se confere ao indivíduo todos os direitos e responsabilidades do adulto. Esses rituais envolvem muitas vezes sofrimentos psíquicos e físicos intensos. Porém, ele pode facilitar o processo de integração à sociedade adulta e favorecer o desenvolvimento da auto-estima, identidade e segurança no adolescente que acabou de se tornar jovem. Roberto DaMatta aponta: “o conceito de rito de passagem é bastante útil para compreender alguns aspectos da entrada no mercado de trabalho por parte dos adolescentes do sexo masculino em um contexto marcadamente laico e profano”¹⁷. Daniel Becker pontua:

Enquanto lida com seus conflitos interiores e mudanças corporais, o adolescente se encontra em uma sociedade contraditória e cuja complexidade gera muita confusão na sua cabeça. Ele se defronta hoje com uma cultura em intensa mutação, valores velhos e decadentes se contrapondo a novas idéias e conceitos, sem que haja sequer tempo para sua assimilação.¹⁸

Com tudo isso, a sociedade não tem colaborado em nada para a facilitação da crise do adolescente. Muitos tentam abafá-la e até atenuá-la. E é preciso não esquecer que, mesmo dentro da sociedade, a adolescência pode assumir formas muito diversas.

Em nossa sociedade, a adolescência vem se tornando um período cada vez mais longo e mais complexo. Muitos adolescentes atravessam esse período absolutamente imunes a qualquer tipo de crise. Simplesmente vivem, adquirem ou não determinados valores, comportamentos e idéias, e chegam sem um arranhão à idade adulta. Foi possível percebermos várias definições para um período que é tão crucial e encantador.

¹⁷ DAMATTA, R. Apresentação. In: VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 11.

¹⁸ BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 12-13.

1.4 Os dilemas do adolescente na “travessia do meio”

Erik Erikson¹⁹ afirma que a crise é uma oportunidade para crescimento e não tem uma conotação negativa. A confusão de papéis e as dificuldades de estabelecer uma identidade própria caracterizam o adolescente vivendo o dilema da crise. Erikson trouxe uma inovação quanto ao conceito de moratória²⁰. Diante de tantos transtornos que o adolescente atravessa, o mesmo vivencia grandes transformações e emoções que oportunizam os dilemas descritos a seguir.

1.4.1 Dilema espiritual

De acordo com James Fowler, a fé é individual e se forma a partir das pessoas, instituições e causas que realmente defendemos, confiamos e amamos. A fé é a forma como achamos sentido e coerência nas múltiplas relações da nossa existência²¹. Paul Tillich²² conceitua a fé como o mais íntimo do ser humano, o centro de sua pessoa e de sua vida. A fé tem a ver com o ser humano integral: todas as funções do homem estão conjugadas no ato da fé²³.

O ser humano procura um sentido para sua vida, algo que valorize, ame, defenda, e sustente seu ser. Nesse sentido, a fé, sendo ou não religiosa, tem a ver com todas as pessoas, e influi nas decisões, convicções e relacionamentos. Fowler identificou o aspecto funcional da fé a partir das fases psicossociais de Erikson que discorrem sobre o desenvolvimento e suas crises.

1.4.2 Estágios da fé

James Fowler identifica seis estágios e um pré-estágio no desenvolvimento da fé, que acompanham ou deveriam acompanhar o desenvolvimento psicossocial da pessoa:

1) Pré-estágio (0-2 anos) – fase da confiança básica e dependência dos pais. Os primeiros anos de convivência do bebê com sua família são a base para o início da fé;

¹⁹ ERIKSON, Erik. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976b. p. 157.

²⁰ Moratória é um período de espera concedido a alguém que não está apto para satisfazer uma obrigação ou imposto a alguém que deveria fixar-se um prazo de tempo.

²¹ FOWLER, James. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca do sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 15.

²² Paul Tillich, teólogo alemão, Piaget e Erikson, influenciaram a teoria de Fowler.

²³ TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 75.

- 2) Fé intuitivo-projetiva (3-7 anos) – a criança não distingue entre o real e a fantasia. É intuitiva, imita os modelos de fé dos adultos com quem convive;
- 3) Fé mítico-literar (8-11 anos) – ela se interessa pelas histórias, crenças e símbolos do seu grupo, o sentido de pertencer a um grupo se torna mais forte;
- 4) Fé sintético-convencional (12-18 anos) – tem qualidades de companheirismo, orientação, ser conhecido e amado, pois a imagem de Deus se torna mais pessoal;
- 5) Fé individualista-reflexiva (18 anos à meia-idade) – a própria pessoa começa a assumir responsabilidades por sua vida, suas crenças e atitudes;
- 6) Fé conjuntiva (meia idade em diante) – a pessoa aprecia símbolos, mitos e rituais, e tem disposição para dialogar com crenças diferentes da sua;
- 7) Fé universalizante – os poucos que atingem esse estágio de maturidade na fé são carismáticos, e frequentemente tornam-se mártires pelas visões que encarnam.²⁴

Em seu esquema, Fowler não faz distinção de gênero masculino ou feminino, porém esquematiza os estágios da fé do ponto de vista psicológico.

1.4.3 A fé sintético-convencional: período da adolescência

Hans-Jürgen Fraas²⁵ tem razão ao afirmar que a fé é obra de Deus, não pode ser ensinada mediante um currículo programado²⁶. Fé sempre tem um porto seguro em que se firmar, portanto fé a partir de nada seria uma ilusão. A fé não existe sem aquele que crê, logo tem um sujeito, a pessoa que crê, e um objeto que dá origem a fé, o transcendente ou o sagrado. Portanto, a fé será inexistente se não houver a participação consciente do ser humano. No entanto, Fraas se engana ao afirmar que Deus cria a fé no ser humano a partir do nada.

O estágio de fé sintético-convencional, período da adolescência, fase de grandes transformações, será aprofundado. O assunto é interessantíssimo, envolvente e contagiante, pois ao olhar no espelho o adolescente percebe que seu corpo está mudando e sua mente também. O mundo ideal infantil está passado e o mundo real assusta e não parece ser tão bom quanto a fase infantil. Essas diferentes mudanças concorrem para certa rebeldia do adolescente, que se rebela contra tudo e contra todos. Nessa ruptura, o adolescente perde o sentimento de pertença e tenta construir ou reconstruir sua identidade, também no que se refere à fé. Com a aquisição do pensamento abstrato, as imagens sobre Deus se modificam e se tornam mais pessoais. Na adolescência, o círculo social de relacionamentos se

²⁴ FOWLER, 1992, p. 105-169.

²⁵ Hans-Jürgen Fraas é um psicopedagogo alemão.

²⁶ FRAAS, Hans-Jürgen. *A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião*. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 45.

amplia para além da família, abrangendo a escola, os amigos mais chegados e a igreja (comunidade de fé). Se, por um lado, o adolescente começa a fazer escolhas e selecionar suas amizades, por outro, sua identidade é influenciada a partir dos grupos que ele escolhe.

Fowler mostra que para se passar de um estágio a outro, no sentido de crescer e ascender, é necessário que se possa sair de casa, no sentido emocional ou mesmo físico. Nesta época, a opinião de outros significativos é muito importante, e a experiência ampliada fora da família também. Por isto, a importância de testemunhos de vida e opinião e a experiência de pousar fora, através de retiros, cursos, acampamentos, etc., pode ser um fator bastante interessante na assunção de perspectiva, colaborando para uma nova forma de encarar a religião cristã: a vivência em grupo dos ideais de Cristo.

A igreja tradicional litúrgica é vista pelo adolescente como algo antiquado e alienado. Nessa idade, eles não gostam de rituais, o que não significa para eles que a fé não seja importante. A adolescência, embora seja uma fase de muitos questionamentos sobre a fé, também pode ser um período fértil para o amadurecimento da mesma. Isso acontece quando o adolescente encontra respostas consistentes e conscientes para suas dúvidas e indagações nos grupos em que ele convive. O adolescente busca um Deus mais imanente e pessoal, busca coerência na fé e na vida. Comprometimento com Deus pode exercer um poderoso efeito ordenador sobre a identidade e valores.²⁷

1.4.4 A experiência de conversão do adolescente

A psicologia da religião se propõe a pesquisar e estudar cientificamente a experiência religiosa do ponto de vista psicológico. O professor Edwin Starbuck²⁸ se ocupou em especial com o fenômeno da conversão religiosa e com o desenvolvimento religioso da pessoa na infância, adolescência e fase adulta. Starbuck defendeu que a conversão religiosa é um fenômeno predominantemente da adolescência²⁹.

²⁷ FOWLER, 1992, p. 132.

²⁸ O professor Edwin Starbuck publicou em 1899 o primeiro livro intitulado *Psicologia da Religião*. A obra foi considerada como um ponto inicial do estudo sistemático da psicologia da religião.

²⁹ Apud ROSA, Merval. *Psicologia da religião*. Rio de Janeiro: JUERP, 1992. p. 22.

O psicólogo Granville Stanley Hall começou, em 1881, a estudar a conversão religiosa e chegou à conclusão de que a conversão é um fenômeno comum na adolescência, ocorrendo, em média, na faixa dos 16 anos de idade. Ele afirma que a conversão cristã tem presente certos aspectos básicos: a consciência do pecado e perdição, o arrependimento e a fé na salvação em Jesus Cristo.

1.4.5 Estágios de conversão do adolescente

Merval Rosa apresenta nesse processo os seguintes estágios:

1. Estágio da inquietação, da convicção de pecado e senso de culpa e medo;
2. Estágio da crise, quando uma súbita iluminação espiritual acontece;
3. Estágio da paz e harmonia interior, experimentados após a crise;
4. Estágio da expressão concreta dessa experiência na vida da pessoa.³⁰

Pesquisas realizadas nos Estados Unidos acerca da conversão religiosa indicam que, no início do século XX, a faixa etária média era de 16 anos; em 1922, a média era de 14 anos; por volta de 1929, a idade média era de 12 anos, entre os adolescentes pesquisados³¹. Não está claro quais os fatores que levam a essa precocidade, mas não há dúvida acerca de sua relação com a adolescência, pois o adolescente tem uma fome religiosa. Essa fome visa um Deus que o conheça, aceite como ele (a) é, e lhe dê sentido e segurança em meio às incertezas que cercam essa fase da vida.

Segundo estatística mais recente apresentada pela Associação Pró-Evangelização de Crianças – APEC, dentre as conversões cristãs:

- 1% aceitam Jesus como salvador antes de 04 anos;
- 85% aceitam Jesus como Salvador dos 04 aos 14 anos;
- 10% aceitam Jesus como Salvador dos 14 aos 30 anos;
- 4% aceitam Jesus como Salvador após os 30 anos.³²

Agostinho³³ reconheceu a grande influência de sua mãe em sua conversão. A referência da família é um dos fatores mais importantes na história da conversão

³⁰ ROSA, 1992, p. 21.

³¹ MULLER, André. *Anos rebeldes: a psicologia da religião aplicada ao ensino de adolescentes*. 2005. 47f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005. p. 28.

³² MULLER, 2005, p. 28.

³³ MULLER, 2005, p. 28.

religiosa de uma pessoa. A fé está relacionada à experiência religiosa pessoal. Seja qual for a situação, idade ou tradição religiosa, a conversão continua sendo uma das mais significativas e marcantes experiências religiosas.

1.5 Dilemas biológicos e psicossociais

Içami Tiba³⁴ pontua os seguintes dilemas em cada etapa da vida.

1.5.1 Confusão pubertária – FASE 1: meninas - 9 a 10 anos/meninos - 10 e 11 anos

Necessidades bio-psico-sociais	Características comportamentais
Desejo de comunicação	Interesses por novos referenciais
Organização das relações sociais	Surgimento do pensamento abstrato
Modificações psicológicas iniciais devido ao funcionamento da hipófise (mudanças morfológicas, sexuais, endócrinas) e do hipotálamo anterior	Conflito (confusão pubertária) mas com boa adaptação à realidade.
Desejos relacionados à sua sexualidade	Desorganização
Necessidade de desafiar a autoridade, questionar valores	Surgimento das fantasias (“mundo da lua”)
Desejo de descobrir o oculto, de ver o proibido	Reações emotivas
Necessidade de ser aceito no grupo	Agrupamento por categoria sexual Conduta infantil Imitação

1.5.2 Onipotência pubertária – FASE 2: meninas - 12 a 14 anos

Necessidades bio-psico-sociais	Características comportamentais
Buscar auto-afirmação	Mau humor
Sentimento de oposição	Revolta
Desejo de negação (do contra)	Resmungos
Intensificação das mudanças fisiológicas = sexualidade exuberante (maremoto hormonal)	Pirraças
Sentimento de rejeição	Desobediência
Desejo de descobrir o oculto, de ver o proibido	Exibicionismo

³⁴ TIBA, 2005, p. 42-53.

1.5.3 Onipotência juvenil – FASE 3: 15 a 16 anos

Necessidades bio-psico-sociais	Características comportamentais
Ser mais	Baixa tolerância à frustração
Ultrapassar, extrapolar, exagerar	Impulsividade
Ser criativo para ser diferente	Arrogância
Ter o próprio território	Prepotência
Experimentar, aventurar, correr riscos	Paixão forte
Sentimento de que está sendo injustiçado	Maior valorização do social em detrimento do familiar
	Agressividade

De maneira geral, o adolescente possui um sentimento de onipotência, de forma que, para ele, tudo é possível, tudo é permitido. Ele gosta de esportes perigosos e de tudo que represente risco, além de gostar de desafiar as autoridades (avós, pais, chefes e professores).

1.5.4 Dilema sexual

Se a infância é a idade das alegrias e surpresas, caracterizada pelo movimento, a adolescência é a idade das dúvidas e das contradições, que caracterizam uma verdadeira revolução. A sexualidade do jovem é fator fundamental a ser abordado, pois nesta fase frequentemente se dá o início da atividade sexual. “Necessidades fisiológicas: merece destaque a necessidade da atividade corporal e sexual, bem como a necessidade de ser reconhecido na própria corporalidade”³⁵.

É uma questão profundamente delicada e difícil de ser resolvida, pois vivemos em uma sociedade onde o sexo é uma das funções de vida altamente reprimida. E torna-se ainda uma situação mais complexa, porque ela pode ser insinuada, interpretada, praticada, mas não verbalizada. As manifestações da sexualidade são imensas, porém a verbalização é totalmente reprimida no lar, na escola, na sociedade, na igreja, em toda parte. A psicanalista Luciane Falcão alerta:

Os pais, educadores e adultos em geral, incluindo os responsáveis pelos meios de comunicação, deveriam ter consciência sobre as conseqüências midiáticas nas quais o exibicionismo desmedido é apresentado como

³⁵ GARRISON apud KLOSINSKI, G. *A adolescência hoje: situações, conflitos e desafios*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 26-27.

'vantagem'. Muitas das imagens exibidas têm efeitos perturbadores nos jovens, às vezes impedindo que esses possam desenvolver capacidade de autopreservação do seu corpo e da sua vida sexual.³⁶

Diante desse contexto, se a conversa é difícil para os pais, é importante providenciar um espaço para o filho conversar sobre sexo na família, sobre sexo na escola, gravidez na adolescência, HIV/AIDS, sexo e morte, a fim de receber orientação adequada de outra pessoa de confiança ou de um profissional, para que não tome decisões das quais venha a se arrepender.

1.6 Dilemas emocionais

A instabilidade emocional surge frente às grandes mudanças físicas, biológicas, intelectuais, emocionais e sociais que ocorrem na adolescência, as quais podem provocar intensos e contraditórios sentimentos, alternando alegria, euforia, tristeza, melancolia, mau humor ou mutismo, dificultando a vida familiar. Estudos como o da pesquisadora espanhola Maite Garaigordóbil, que tem analisado os fatores associados à rebelião adolescente, indicam uma maior probabilidade de que esta aconteça quando a estrutura de autoridade da família é patriarcal e desigual, a disciplina é severa ou inconsistente e o matrimônio infeliz³⁷.

O adolescente deste período quer ação para o momento. Ele quer experimentar muitas emoções, e esta atitude pode ser perigosa tanto física quanto moralmente. Os resultados podem ser acidentes de carro, bebida, drogas, sexo impróprio, etc.³⁸

1.6.1 Sentimento de inferioridade

Com relação ao dilema de aceitação, o adolescente sofre sentimentos de inferioridade, surgido em conseqüência da necessidade de uma afirmação pessoal. Então, o adolescente passa a buscar incessantemente meios que lhe permitam marcar sua posição e afirmar-se. Às vezes seu sentimento de superioridade é um simples mecanismo de compensação com que procura superar seu sentimento de

³⁶ FALCÃO apud NUNES, Vera. Adolescência: eta fase complicada! *Novolhar*, São Leopoldo, ano 07, n. 26, mar./abr. 2009, p. 15.

³⁷ GARAIGORDOBIL, Maite. *Intervención psicológica con adolescentes: un programa para el desarrollo de la personalidad y la educación en derechos humanos*. Madrid: Pirámide, 2000. p. 25.

³⁸ ROGÉRIO, Cláudio. *Estimulando o potencial do adolescente*. Disponível em: <<http://universobiblico.com.br/assembleia/estudosbiblicos/estimulandoopotencialdoadolescentes>>. Acesso em: 28 abr. 2009.

inferioridade. Porém, numa situação de emergência, verifica-se que aquilo não passa de um verniz superficial, que não tem profundidade.

1.6.2 Atitude reivindicatória

Por conta de um sentimento de contradição e despersonalização, o adolescente se opõe a tudo e está sempre pronto a reivindicar, é do tipo “sou do contra”, SPC³⁹. O adolescente odeia o anonimato, o “ser igual a todo mundo”, então procura ser original. Procura chamar a atenção, pois se todos cortam o cabelo ele passará a usá-lo bem comprido.

Jose Outeiral afirma que “é normal, nesse processo, contrariar os pais, discordar das regras e, assim, adquirir uma identidade própria”⁴⁰. Explica que faz parte da adolescência o processo de separação do mundo adulto (pais da infância) e da aquisição de uma identidade própria.

1.6.3 Flutuação do humor

Um dado da Organização Mundial de Saúde tem preocupado uma boa parcela dos psiquiatras. De acordo com a entidade, 3% da população mundial – de 180 milhões de pessoas – estão sofrendo da doença do mau humor. E como grande parte das enfermidades psiquiátricas, a distímia⁴¹, causa prejuízos não apenas à saúde: ela tem repercussão na vida familiar, social e profissional⁴². Barros e Barbirato pontuam que o Transtorno Bipolar do Humor

[...] caracteriza-se pela alternância de duas fases distintas: a maníaca (ou hipomaníaca) e a depressiva. Os critérios diagnósticos para um episódio maníaco incluem um período distinto de humor anormalmente elevado, expansivo ou irritável acompanhado de pelo menos três dos seguintes sintomas: auto-estima inflada e grandiosidade, necessidade de sono diminuída, pressão para falar, fuga de idéias, distração, aumento de

³⁹ SPC: Só pra contrariar.

⁴⁰ NUNES, 2009, p. 15.

⁴¹ Distímia é uma palavra que vem do grego e significa “mau humor”. Durante séculos, serviu para caracterizar o sujeito mal-humorado, irritadiço, de personalidade complicada. Atualmente, o termo distímia é empregado para designar um subtipo da depressão.

⁴² BOM HUMOR GARANTE EMPREGO. 2008. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/humanities/1737333-bom-humor-garante-emprego>>. Acesso em: 9 abr. 2009.

atividade dirigida ao objetivo e excessivo envolvimento em atividades prazerosas que tenham conseqüências negativas.⁴³

As causas da doença não estão elucidadas, mas, a exemplo do que ocorre com a maioria das patologias psiquiátricas, imagina-se que a distímia seja provocada por fatores genéticos, ambientais e psicológicos. Entre estes últimos, estão conflitos em casa e superproteção ou educação rígida demais.

Segundo o médico Fábio Barbirato⁴⁴, uma pesquisa realizada com 78 crianças e adolescentes de seis a 16 anos atendidos no centro mostrou resultados inquietantes: 42% apresentavam queda no rendimento escolar, 78% tinham dificuldade em se divertir, 64% tinham problemas de relacionamento social e 78% sofriam com baixa auto-estima. Muitos já apresentavam sinais de depressão (64%).

De acordo com Daunis, os adolescentes apresentam comportamentos sintomáticos: “Crianças dóceis, obedientes convertem-se em jovens críticos, renitentes, às vezes obstinados, desalinhados, agressivos ou depressivos”⁴⁵.

Além disso, o mau humor traz estragos à saúde, entre eles, o enfraquecimento da capacidade de defesa do organismo. E leva a um isolamento. Está provado que mau humor leva a mau humor, num ciclo prejudicial ao indivíduo e ao ambiente. “Crianças com pais mal humorados aprendem a ser mal-humoradas”⁴⁶.

1.6.4 O dilema da drogadição

O adolescente pensa que as drogas trazem uma ilusão: a liberdade, pois vêm nelas sensações de intenso prazer, euforia e poder. De acordo com Mulatinho, hebeatra⁴⁷, o adolescente entra para o mundo das drogas pelos seguintes motivos:

Baixa auto-estima e carência afetiva são os principais fatores predisponentes. Tudo que agrave esses fatores, como violências sexuais e físicas, além de psicológica, tais como humilhação, rejeição, indiferença,

⁴³ BARROS, Patrícia; BARBIRATO, Fábio. Origem e manutenção do comportamento agressivo na infância e adolescência. *Rev. bras. ter. cogn.* Disponível em: <<http://scielo.bvpspsi.org.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?&IscisScript=iah%2Fiah>>. Acesso em: 9 abr. 2009.

⁴⁴ Chefe da Neuropsiquiatria Infantil do Hospital das Clínicas de São Paulo.

⁴⁵ DAUNIS, 2000, p. 76.

⁴⁶ HUMOR É HERANÇA TRANSMITIDA PELOS PAIS. Disponível em: <<http://www.saude.saude.com.br/saude.saude/arquivo.php?Numero=131>>. Acesso em: 29 abr. 2009.

⁴⁷ Profissional da área da Pediatria que trata exclusivamente de adolescentes de 10 a 19 anos, observando os aspectos físico, emocional e social, além de acompanhar o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo.

depreciação ou abandono de qualquer ordem, pode colaborar e vulnerabilizar o adolescente.⁴⁸

No dia-a-dia, os adolescentes são sinais de que vivenciam problemas. Entre os mais comuns estão: a queda no rendimento escolar, o distanciamento familiar, a agressividade na comunicação e a mudança de amizades. “Os amigos são os principais sinalizadores. Ao contrário do que se pensa o filho não muda por causa das amizades. O processo é justamente o contrário: ele primeiro muda de comportamento e procura grupos de identificação”⁴⁹, esclarece Dra. Mônica.

1.6.5 Dilema do suicídio

Todos os anos, quase cinco mil jovens de idade compreendida entre os 15 e os 24 anos cometem suicídio. A taxa de suicídio para esta faixa etária quase triplicou desde 1960, tornando-se a terceira causa da morte entre jovens universitários. Dr. Augusto Carreira, psiquiatra da infância e adolescência, diz que em cada cinco adolescentes que tentaram o suicídio, quatro mostraram claramente que o iriam fazer. Ele alerta que é preciso estar atento aos seguintes sinais:

- Ameaças de suicídios diretas ou indiretas;
- Obsessão com a morte;
- Poesia, literatura ou imagens que referem à morte;
- Mudança dramática de personalidade ou aparência;
- Comportamento irracional ou bizarro;
- Sentimento exagerado de culpa, rejeição ou vergonha;
- Alteração de padrões de alimentação e sono;
- Uma descida acentuada ao desempenho escolar;
- Dar os seus pertences.⁵⁰

Mônica Mulatinho acrescenta: É preciso oferecer ajuda, escutar e encorajar o adolescente. Confiar nos seus instintos, se parecer que a situação é séria, procure ajuda rápida; quebrar se for necessário, uma confissão para salvar uma vida.

⁴⁸ MULATINHO, Mônica. *Crianças e jovens cada vez mais próximos das drogas*. Disponível em: <<http://www.braha.org/pt/cultura-das-drogas/61>>. Acesso em: 29 abr. 2009.

⁴⁹ MULATINHO, 2009.

⁵⁰ MACHADO, Ana Cláudia Oliveira. A irritação do adolescente como sua expressividade no mundo atual e como os pais e professores podem ajudá-los a amadurecer mediante a essa emoção. 2005. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Psicopedagogia) – Faculdade de Ciências Educacionais, Valença-BA, 2005.

1.6.6 O desamparo dos pais

A solidão é um sentimento terrível. O adolescente solitário sente-se tão ignorado que duvida do seu valor pessoal. Quando o adolescente não tem quem o aconselhe, ele julga as coisas da melhor maneira que pode. Se ele for sincero consigo mesmo, admitirá que se sente completamente perdido.

De acordo com o Dr. Carter, os meios que o adolescente solitário usa para aferrar-se às suas emoções incluem:

- Distúrbio do sono. Ou tem dificuldade para dormir ou dorme demais.
- Males físicos – dores de cabeça, de estômago, fadiga crônica etc.
- Comportamento imaturo – às vezes utilizam uma linguagem infantil, como desejo de receber atenção.
- Agressão irreversível, a fim de proteger-se contra mágoas emocionais.
- Retraimento e depressão - os adolescentes solitários podem perder a esperança de que a vida melhore. Eles talvez sintam que o isolamento emocional é a única maneira segura de evitar machucar-se ainda mais na vida. Eles podem até cultivar idéias de suicídio.
- Atitudes destrutivas – a fim de mostrar como ele gostaria de machucar os outros ou a si mesmo.
- Irritar os outros – ele aborrece os outros para chamar atenção às suas necessidades e mostrar como se sente isolado.
- Vitimar os outros – ferir os outros é uma oportunidade de o adolescente vingar-se de seu desconforto emocional. Em extremo, o adolescente vitima o outro para expressar sua mentalidade auto-destrutiva.
- Prática sexual – utilizam como meio de obter o afeto que acreditam não ter recebido. Alguns para controlar os outros. Em outros casos, como meio de castigar os pais, desrespeitando uma de suas regras mais sagradas.⁵¹

A cura de um adolescente irado e solitário pode ser promovida pelos pais, que terão que exercer liderança para expulsar esta emoção prejudicial.

1.6.7 O dilema de enfrentar a separação dos pais

A dor que o adolescente sente diante da separação de seus pais é uma dor que rasga o coração, pois o sofrimento vivido pelo adolescente tem trazido muitos conflitos em seus relacionamentos afetivos, sobressaindo sintomas como: não sentir vontade de fazer nada, manter-se quieto, não falar com ninguém, choro, falta de apetite e o surgimento de alguns questionamentos “internos”, de desesperança na busca por respostas para dificuldades. Conforme pesquisa realizada com

⁵¹ CARTER, W. Lee. *Por que os adolescentes ficam tão irritados?* São Paulo: Candeia, 1996.

adolescentes, 61% dos adolescentes apontaram que brigar com a família é o principal motivo de infelicidade⁵².

Heidmann pontua as dificuldades evidenciadas em sinais e sintomas não apenas de tristeza, mas de depressão, possivelmente decorrente da situação vivenciada pela separação dos pais, o que é confirmado:

Os fatores ambientais podem causar depressão, dependendo da vulnerabilidade de cada adolescente e de cada etapa evolutiva do desenvolvimento adolescente. Fatores como perda de um dos pais, separação dos pais, mudanças de ambiente, maus-tratos, abusos físicos e sexuais, rejeição racial, problemas de iniciação sexual, namoro frustrado, gravidez e DST, exigências escolares, vestibular, podem desencadear processos depressivos.⁵³

Paralelamente aos muitos aspectos particulares de cada caso, é imprescindível analisar o impacto dessa deficiência no desenvolvimento não apenas comportamental, mas psicológico e intelectual das/os adolescentes⁵⁴. A influência materna e paterna no decorrer do desenvolvimento de um filho é um assunto bastante difícil. Os adolescentes enfrentam, em diferentes momentos, a separação dos pais como um fenômeno que lhes trazem sofrimento e mudanças no modo de ser e sentir. Neste sentido, entendemos como necessário o apoio profissional, seja através de uma orientação educacional oferecida na escola, na igreja, apoio terapêutico, psicológico ou psicopedagógico.

1.6.8 Dilema vocacional: inserção no mundo do trabalho

A falta de esperança e perspectiva de melhorar de vida e a renda familiar precária, a qual não contempla todas as necessidades da família são fatores que têm inserido precocemente o adolescente no mercado de trabalho. “O trabalho é proibido no Brasil para crianças e adolescentes até os 14 anos de idade. Dos 14 aos 16 anos, o trabalho é permitido apenas na condição de aprendiz”⁵⁵. No entanto o/a adolescente desconhece essas informações e necessita ser devidamente orientado a freqüentar a escola regular. A partir dos 16 anos, o trabalho é permitido, desde que

⁵² UNICEF, 2009, p. 42.

⁵³ HEIDMANN apud DALLA-DÉA, P. F. *Igreja Católica e adolescentes urbanos: expectativas dos adolescentes em idade de confirmação da fé, em vista da construção de um novo método de catequese crismal*. 2006. 324 f. Trabalho de Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006. p. 115.

⁵⁴ DALLA-DÉA, 2006, p. 242.

⁵⁵ UNICEF, 2009, p. 57.

respeitadas as leis trabalhistas e proibições: não trabalhar à noite, em atividades perigosas ou insalubres.

Segundo os dados obtidos da pesquisa *A Voz dos Adolescentes*, 13% dos adolescentes entrevistados exercem atividades profissionais. Entre os adolescentes trabalhadores ouvidos na pesquisa *A Voz do Adolescente*, 46% iniciaram suas atividades profissionais entre 12 e 14 anos. O número de adolescentes que iniciaram o trabalho na faixa etária entre 12 e 14 anos varia segundo as regiões (36% no Norte, 45% no Sudeste, 46% no Nordeste, 44% no Centro-Oeste e 50% no Sul).⁵⁶

Leão afirma: “De uma maneira geral, podemos dizer que o trabalho assume um lugar privilegiado para os jovens como possibilidade de construção de sua autonomia e reconhecimento perante os familiares e amigos”⁵⁷. Além disso, o trabalho é uma forma de mostrar que ele já tem responsabilidade, podendo, a partir daí, tomar suas próprias decisões e firmar-se como adulto frente à sociedade.

Para adolescentes de classes sociais com menor renda, o trabalho é uma urgência e, portanto, a legislação que proíbe o trabalho antes dos 16 anos é “extremamente prejudicial” e impede o acesso desses adolescentes a uma renda importante tanto para ele/ela quanto para a família.⁵⁸

Manifestações de aceitação e carinho como princípio disciplinar conferindo abrigo expressando independência, contribuem para que as/os adolescentes se sintam amadas/os, acolhidas/os e protegidas/os por sua família⁵⁹. Portanto, é indispensável o auxílio da família e da igreja para subsidiar o/a adolescente com princípios éticos, morais e espirituais no sentido de ajudar na definição ou na construção de seu projeto de vida.

⁵⁶ UNICEF, 2009, p. 56.

⁵⁷ LEÃO apud DALLA-DÉA, 2006, p. 3.

⁵⁸ UNICEF, 2009, p. 59.

⁵⁹ DALLA-DÉA, 2006, p. 106.

2 A IGREJA E A FAMÍLIA: SUPORTES SIGNIFICATIVOS NA VIDA DO ADOLESCENTE

2.1 Introdução

O propósito deste capítulo é apresentar a igreja e a família, instituições que estão vivendo um momento de grandes crises devido às transformações pelas quais passa o mundo, e a importância desses espaços para ser suporte na vida do adolescente em seus dilemas na travessia do meio, pois segundo a pesquisa de âmbito nacional *Voz do Adolescente*, primeira a dar a voz a adolescentes de diferentes rendas, etnias, religiões, níveis de escolaridade e cultura, revela como referência para o adolescente:

[...] a família é também a instituição de referência para os adolescentes. Nas diversas faixas de renda e regiões, a família é apontada como a principal responsável pela garantia de direitos e do bem estar dos adolescentes (85%), acima da escola (40%), da Igreja (24%), da comunidade (23%), do governo (20%), da polícia (16%) e dos partidos políticos (5%). Além disso, 95% dos adolescentes classificam a família como uma “instituição importante”.⁶⁰

Diferente do que pode parecer ao senso comum, os adolescentes não são apenas reclamação. Enfatizam a importância da família, têm sonhos em relação ao país e acreditam na possibilidade de contribuir para um mundo melhor⁶¹.

Sabe-se que historicamente, no catolicismo e no protestantismo, a família é compreendida como a célula básica da sociedade e da igreja. No entanto, após a Revolução Francesa, esse ideal foi cultivado nos países ocidentais para valorizar a família nuclear burguesa cristã contra as idéias da esquerda, que criticavam a família patriarcal e começavam a procurar formas alternativas de convivência entre homem, mulher e filhos. Assim, as estruturas da sociedade se refletem de forma contundente na família e na igreja, contanto que haja uma relação de confiança, elemento central da convivência humana. Rudolf von Sinner pontua:

⁶⁰ A pesquisa envolveu uma amostra de 5.280 adolescentes (51% do sexo masculino e 49% do sexo feminino), e tem validade para o período de 2002 a 2006. Incluída no programa Cidadania dos Adolescentes, esta pesquisa envolveu adolescentes de 12 a 18 anos incompletos e teve o apoio do Fundo das Nações Unidas. Trouxe resultados ricos sobre os temas: família, educação, trabalho, meios de comunicação, lazer, diversão, cultura, drogas, violência, preconceito e o Estatuto da Criança e do Adolescente. UNICEF, 2009, p. 4.

⁶¹ UNICEF, 2009.

A confiança é a base imprescindível de qualquer convivência, situe-se ela no âmbito da família, da igreja ou da sociedade, ou em qualquer convivência, situe-se ela no âmbito da família, da igreja ou da sociedade, ou em qualquer outro agrupamento de seres humanos.⁶²

Valburga Streck e Christoph Schneider-Harpprecht⁶³ confirmam a crise que essas hierarquias estão enfrentando devido aos laços nítidos entre igreja e família, a crise familiar afeta também a igreja, o que é completamente visível em nossa sociedade. A crise das igrejas históricas, que estão perdendo espaço no mercado de religiões, repercute também na família.

2.2 Breve histórico sobre a formação da igreja Batista

Considero relevante apresentar um breve estudo sobre a formação do povo Batista, bem como apresentar a Primeira Igreja Batista em Valença – PIB, Valença-Bahia, haja vista a pesquisa ter como objeto de estudo os adolescentes e famílias dessa referida Congregação.

O batista deve manifestar a glória de Deus na vida dele, ser um exemplo no mundo, isto é, precisa refletir como espelho a glória de Deus, pois através disso ele transmite a graça que está intrínseca⁶⁴.

Com embasamento no versículo: “pela graça sois salvos, e isso não vem de vós é dom de Deus”, no século XVII, em 1609, na Holanda, com John Smith, surgiu a Igreja Batista do movimento pietista, que obedecia à teoria da graça. Ela tem o Batismo como uma ordenança de Cristo, e não um sacramento; ele só deve ser ministrado aos adultos; além disso, possui como característica a individualidade espiritual: cada crente é um sacerdote.

Para os batistas, colocar o filho no ápice da vida acadêmica não tem significado para sua própria glória, mas para a glória de Deus. Os filhos dos batistas do século XVII tinham que ser os melhores alunos, a fim de refletir a glória de Deus, testemunhando a graça de Deus em suas vidas.

⁶² VON SINER, Rudolf. Confiança e convivência: aportes para uma hermenêutica da confiança na convivência humana. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 44, n. 1, jan./jun. 2004. p. 129.

⁶³ STRECK, Valburga; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 148.

⁶⁴ PEREIRA, J. Reis. *História dos batistas no Brasil: 1882-1982*. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1985. p. 76.

Os batistas admitem a Bíblia como única autoridade em todos os assuntos de fé e prática; a fé constitui-se um compromisso livre com o Deus Todo-Poderoso através de Jesus Cristo; a igreja - que adota o modelo de governo congregacional - convocada em assembléia geral, sob o senhorio de Cristo, governa-se a si mesma, é capaz de elaborar estratégias para ação missionária e de escolher seus ministros bem como outros oficiais; reconhecem que toda igreja local é livre. Por isso, rejeita qualquer tipo de interferência do Estado em suas atividades religiosas. Crêem que a membresia é totalmente responsável pela proclamação do Evangelho no mundo.

Como consequência, esta ideologia puritana serviu de base para formação da classe média burguesa inglesa, holandesa e americana⁶⁵. No século XIX, os casais Bagby, primeiros missionários batistas, influenciados por essa ideologia puritana, trazem o Evangelho para o Brasil.

A Primeira Igreja Batista do Brasil nasce em Salvador, Bahia, no ano de 1882, com o objetivo missionário de atingir a classe média brasileira, pois os pioneiros batistas entendiam que primeiras igrejas batistas no Brasil deveriam ser auto-sustentáveis e auto-administráveis. No início, a classe média brasileira se identifica com essa ideologia espiritual e liberal⁶⁶.

2.3 A missão da igreja

Não existe nenhuma organização no mundo semelhante à igreja, pois ela é um organismo espiritual vivo, tendo como função espiritual ser em Cristo o centro do propósito redentor de Deus em benefício do mundo. Portanto, a igreja não é apenas uma organização social.

O termo "igreja" vem da palavra grega *ekklesia* que, no sentido bíblico, significa: uma assembléia de pessoas que, submissas às ordens de Jesus Cristo, prestam-lhe culto e deliberam democraticamente os negócios atinentes ao Reino de Deus, sob a liderança do Espírito Santo.⁶⁷

Para alcançar o mundo e transformá-lo, Deus traçou um plano e, por meio de Jesus Cristo, pedra angular, edificou a Igreja para ser um veículo de sua

⁶⁵ WEBER, Max. *Economia e sociedade*. v. 2. Brasília: UNB, 1999. p. 56.

⁶⁶ CAVALCANTI, Robinson. *Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica*. Viçosa: Ultimato, 2004.

⁶⁷ LOPES, Jamiel. *Aprendendo a lidar com o adolescente: um manual prático para líderes e professores da Escola Bíblica Dominical*. São Paulo: Candeia, 1997. p. 23.

revelação. Compete a ela evangelizar o mundo, alcançando as famílias, proporcionando e promovendo estabilidade emocional, espiritual e social.

2.3.1 A missão e visão da Primeira Igreja Batista em Valença – BA

A Primeira Igreja Batista em Valença - PIB - pertence à Convenção Batista Brasileira, que traz uma declaração doutrinária para o povo batista a ela filiado. A Declaração contempla temas relevantes que norteiam o pensamento batista, dentre eles temos:

- a) Escrituras Sagradas; Deus e sua Trindade; homem; Pecado e Salvação;
- b) Regeneração; Justificação; Santificação; Glorificação e Eleição;
- c) Reino de Deus; A igreja; o Batismo e a Ceia do Senhor;
- d) O Dia do Senhor; o ministério da Palavra; Mordomia; Evangelização e Missões;
- e) Educação Religiosa; liberdade religiosa; Família; Ordem Social; Morte e a questão dos Justos e dos Ímpios. Inspirada por todos esses temas da Declaração, mas principalmente aos de Evangelização e Missões, Educação religiosa, Batismo, família e Ordem Social.⁶⁸

A educação cristã, desde os primeiros anos de vida é de responsabilidade da família e da igreja em que a família congrega. Nas igrejas batistas, há um programa para crianças, adolescentes, jovens e adultos. Dessa forma, entendemos que a educação cristã se dá de forma continuada, atendendo todas as faixas-etárias.

O ministério docente da igreja, sob a égide do Espírito Santo, compreende o relacionamento de Mestre e discípulo, entre Jesus Cristo e o crente. Sendo a Palavra de Deus o conteúdo essencial e fundamental nesse processo e no programa de aprendizagem cristã. Cabe às igrejas cuidar do doutrinamento adequado dos crentes, visando sua formação e desenvolvimento espiritual, moral e eclesial, bem como motivação e capacitação sua para o serviço cristão e desempenho de suas tarefas no cumprimento da missão da igreja no mundo.⁶⁹

Percebo que minha missão como educadora batista é trabalhar com adolescentes para que no futuro bem próximo tenhamos grandes líderes testemunhando as maravilhas do Reino de Deus.

⁶⁸ DECLARAÇÃO doutrinária da CBB. *Revista Compromisso*. 4. sem. Rio de Janeiro: JUERP, 2003. p. 17-18.

⁶⁹ DECLARAÇÃO, 2003, p. 9.

Para Edla Eggert⁷⁰, as palavras educação e formação não garantem a condução e a solução da questão de como fazer a educação cristã. Ela propõe mudanças principalmente em criar um currículo pertinente à realidade em que vive cada comunidade.

Cabe ao sistema educacional no campo religioso confessional atentar para alguns aspectos relevantes quanto à estruturação do currículo: observar e respeitar a cultura local, nível intelectual e poder aquisitivo; averiguar as condições do espaço físico; dar suporte didático e autonomia aos professores e, sobretudo, ouvir os anseios dos integrantes do grupo, suas dificuldades e expectativas.

A partir dessas iniciativas significantes, creio que é possível atender de modo eficaz ao grupo e os objetivos da educação religiosa. Entendo que a proposta da educação cristã não pode ser um fardo, uma obrigação, uma espécie de martírio para as pessoas envolvidas no processo – educador e educando - mas uma oportunidade para crescimento pessoal e desenvolvimento da maturidade cristã. O currículo obrigatoriamente deverá priorizar as pessoas. Elas precisam ser ouvidas e atendidas em suas reais necessidades.

Como vimos anteriormente, na declaração doutrinária da CBB, que contempla a educação cristã, há claramente a afirmação de que as igrejas têm o dever de cuidar do doutrinamento adequado dos crentes, visando sua formação e desenvolvimento espiritual, moral e eclesial, bem como motivação e capacitação sua para o serviço cristão e desempenho de suas tarefas no cumprimento da missão da igreja no mundo. Assim sendo, seria uma incoerência impor um programa desmotivante, que não dá voz aos envolvidos. A PIB possui atualmente quase 1500 membros, já completou 118 anos de história na cidade de Valença-BA, possui a seguinte Visão: ser uma igreja bíblica, contemporânea, relevante, acolhedora e missionária que cumpre os propósitos de Deus na sua geração. Seus propósitos são:

Proclamação
Ensino
Serviço
Comunhão

⁷⁰ EGGERT, Edla. Entre heranças e desafios no campo da educação contínua: crianças, jovens e adultos. In: MARTINI, Romeu Ruben (Org.). *Batismo e educação cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 29.

Adoração

E a respeito de sua Missão, Warren Bennis diz que “a não ser que uma visão seja sustentada pela ação, ela rapidamente vira cinzas”. Não basta ter uma visão. Importa haver uma dedicação no sentido de agir em função dela. A isso se chama missão. O cumprimento da missão pode tornar realidade a visão. “Cumprir os propósitos de Deus trazendo pessoas a Jesus e à comunhão em sua Família, desenvolvendo-as na maturidade cristã, equipando-as para o ministério na igreja e sua missão de vida no mundo, a fim de nome de Deus”⁷¹.

2.3.2 As transformações da igreja

As grandes mutações que constatamos no dia-a-dia exigem flexibilidade e credibilidade nas instituições de um modo geral, principalmente naquelas de cunho religioso, se tiverem o desejo de conseguir maior espaço na sociedade, pois novas tendências surgem quase de um momento para outro, causando verdadeiro impacto na vida das pessoas e das instituições, jogando por terra conceitos e preconceitos às vezes guardados por longos anos. Em decorrência destas transformações, surge a globalização como uma nova realidade irreversível no mundo moderno, com efeitos visíveis principalmente na economia dos países, influenciando direta ou indiretamente a economia familiar e a espiritualidade das pessoas.

Diante de tais mudanças drásticas, os líderes evangélicos precisam ter atenção redobrada para que a devoção dos fiéis não sucumba ante a preocupação com as questões de cunho secular, pois muitas destas invadiram as igrejas com a finalidade de enfraquecer a espiritualidade, uma vez que qualquer instituição que deseje sobreviver em meio à concorrência acirrada, precisa promover a administrar mudanças necessárias. Isto porque, para prosperar em qualquer ramo de negócio, é preciso adaptar-se ao contexto em que se está inserido, e as igrejas não diferem das instituições seculares nesse aspecto.

Grandes mudanças são observadas em nosso contexto atual, afetando os valores e o comportamento humano. Principalmente, porque ao lado do avanço

⁷¹ BENNIS, Waren. Autor citado pelo Pr. Adelson Augusto Brandão Santa Cruz, Ministro da Primeira Igreja Batista de Valença, em apostila de orientação ministerial.

tecnológico, veio a evolução da ciência, proporcionando inventos e inovações assustadoras. Aloizio Penido destaca:

[...] o comportamento humano vem sendo alterado em razão das constantes modificações sofridas no modo ser e viver dos indivíduos. É por isto que o Fundamentalismo se mantém de pé, como resistência às mudanças deste tempo, em oposição ao liberalismo que vem se acentuando cada vez mais em função do modernismo. Em nosso próprio país podemos constatar uma pluralidade sistemática em nossa sociogênese, porque não chegaram aqui nem africanos com suas crenças e nem católicos europeus puros. Em função disso, desde a pré-modernidade o sincretismo religioso tem se firmado em nossa cultura, sendo legitimado pela chamada “Nova Era”, influenciando o povo com um novo tipo de cristianismo, no qual Jesus é visto às vezes como um ser às vezes humano, às vezes divino.⁷²

A religiosidade vem crescendo em todas as camadas sociais, em muitos países do mundo. Isto porque a ciência não substituiu a religião como Voltaire e Marx afirmaram no século passado: o desaparecimento da religião no século XX, porque a consideravam como “feticismo e superstição animista”.⁷³

2.3.3 Igreja: uma comunidade terapêutica para a família

A vida comunitária da igreja está centrada na revelação de Deus em Jesus Cristo, seu chamamento e tarefa é testemunhar para a sociedade o senhorio de Jesus Cristo e a redenção. Ela vive da confiança na soberania de Deus e ganha a liberdade de cooperar pelo bem-estar da humanidade da sociedade com os mais diversos grupos e pessoas. “Tudo o que a Igreja precisa para ser o que deve ser se sustenta no seu relacionamento com Cristo, um relacionamento de adoração”⁷⁴.

A igreja tenta resgatar os valores antigos da família, de fortalecer os laços entre igreja e família e ajudar dessa forma a família a reestruturar-se e assumir novamente, apesar das crises econômicas e de relações, suas funções básicas de alimentar, preservar, cuidar e educar seus membros. Se, por um lado, a igreja tenta manter a sua influência na sociedade e fortalecer a família, a família não tem cumprido o seu papel, principalmente no que tange à educação dos filhos, pois na Escola Bíblica Dominical, na classe de crianças, é perceptível o quanto a família tem falhado na educação de seus filhos.

⁷² PENIDO, Aloizio. *A Igreja em tempo de Mudanças*. [s.l:s.n, s.d.], p. 13.

⁷³ VOLTAIRE e MARX apud PENIDO, p. 13.

⁷⁴ RAMOS, Ariovaldo. *Nossa igreja brasileira: uma opinião sobre a história recente*. São Paulo: Hagnos, 2002. p. 106.

Os pais transmitem seus pontos de vista, sua religião, e seu estilo de vida aos filhos. A criança aprende através da imitação, identificação e instrução. Do nascimento até os cinco anos, a personalidade e o temperamento da criança são basicamente formados. O que a criança absorve do seu contexto nos primeiros cinco anos de sua vida ficará para a vida inteira.⁷⁵

A igreja tem realizado alguns eventos importantes em prol da família, o mais importante deles é o Encontro de Casais com Cristo, promovido pelo Ministério da Família. Esse encontro tem como objetivo um reavivamento do grupo familiar, através de uma ligação mais forte com Deus e a Igreja, proporcionando um reaquecimento na vida das comunidades e fortalecendo os laços familiares.

2.3.4 O adolescente e a igreja

O que os adolescentes têm a dizer e ensinar à Igreja? Sua alegria, sua fé na vida, seu método de trabalho descontraído, seu entusiasmo e sua paixão pelo humano? E a igreja, o que será que tem a dizer aos adolescentes? A mensagem de Cristo, seus valores, o sentido que ele dá à vida? A Exortação deixa isso em aberto, como a dizer implicitamente que há ainda um longo caminho a ser percorrido. O que parece ser verdade.

Embora se tenha um discurso que valoriza o adolescente, isso de fato não acontece. A confusão só reflete isso: a pouca importância dada aos adolescentes e a suas opiniões. O que se tem é um caso célebre de dupla mensagem: adolescentes só são chamados à participação, em muitas comunidades, para realizar festas, limpeza, mutirões, etc., mas não são chamados na hora do planejamento nem na hora de ser beneficiado pelo serviço comunitário realizado. Há, na igreja, grupos e pessoas que vêem os adolescentes com desconfiança e preconceito. Para esses grupos, o adolescente é quase um rebelde sem causa, que precisa ser vigiado, tutelado. Ele é sempre tratado como alguém que não é sujeito. Quase uma criança crescida, que não sabe bem o que faz e o que pensa.

⁷⁵ GEORGE, Sherron. *Igreja ensinadora: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1993. p. 104.

2.4 A família

2.4.1 O que é família

O Dicionário Aurélio traz a seguinte definição para família: “pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos; pessoas unidas por laços de parentesco, pelo sangue ou por aliança; ascendência, linhagem, estirpe”⁷⁶. Porém, percebe-se que esta definição não abrange a realidade da família nos dias de hoje.

Durante os últimos vinte anos, ocorreram diversas mudanças no plano sócio-político econômico referente à globalização da economia capitalista. Estas mudanças têm interferido na estrutura familiar e possibilitado mudanças em seu padrão tradicional de organização.⁷⁷

Conforme Pereira, as mais evidentes são: a diminuição da fecundidade, devido ao uso de métodos contraceptivos e esterilização; envelhecimento da população; redução de casamentos e aumento de separações e divórcios, ocasionando maior quantidade de pessoas vivendo sozinhas; aumento da taxa de coabitações, permitindo que as crianças adquiram outros valores, menos tradicionais; e maior número de famílias comandadas por uma pessoa, principalmente mulheres, que tem sua profissão e por isto dispõe de menos tempo para cuidar da casa e dos filhos⁷⁸.

Portanto, é a família que fornece o bem-estar dos seus integrantes. Ela tem um papel decisivo na educação, é no convívio familiar que são absorvidos os valores éticos e humanitários e onde são aprofundados os laços de solidariedade. É também nela que se desenvolve o vínculo entre gerações e se conservam os valores culturais. É no seu interior que são desenvolvidos os “hábitos, inclinações e sentimentos” que farão parte da vida do indivíduo.⁷⁹

Nenhuma outra instituição social é mais influente na formação do caráter, na educação, na disseminação de valores éticos, morais e espirituais do que a família. Anteriormente comentamos a respeito da crise nas instituições, dentre elas, há um

⁷⁶ DICIONÁRIO Aurélio eletrônico. Século XXI. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, nov. 1999.

⁷⁷ PEQUENO, Andréia Cristina Alves. *Educação e família: uma união fundamental?* p. 1. Disponível em: <<http://www.ines.org.br/paginas/revista/texto2.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2009.

⁷⁸ PEQUENO, 2009, p. 1.

⁷⁹ KALOUSTIAN, Sílvio Manoug; FERRARI, Mário. Introdução. In: KALOUSTIAN, Sílvio Manoug; FERRARI, Mário (Orgs.). *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 2000. p. 11-12.

destaque especial para a família e a igreja, que serviam de parâmetro e apoio para as redes familiares. A pesquisa *Voz do Adolescente*⁸⁰ revela:

Tabela 1: O que deixa o adolescente mais feliz

Você se sente mais feliz quando	
Está com a família	70%
Está com amigos	63%
Tirar boas notas	44%
Está namorando	39%
Está brincando	35%
Outros	8%

Fonte: UNICEF, 2009.

Ao contrário do que muitos pensam, a família é um porto seguro para o adolescente. Por isso, a mesma pesquisa aponta que 61% dos adolescentes entrevistados apontam que brigar com a família é o principal motivo de infelicidade para eles⁸¹. Conforme Streck; “Alguns acham que a família vai desaparecer, outros dizem que ela sempre se encontra em constantes mutações no curso da história da humanidade”⁸².

A família hoje tem sido atingida por mudanças rápidas que ocorrem na sociedade pós-moderna e que transformam profundamente o papel da mulher e do homem, o comportamento sexual, e as convicções básicas sobre o significado do casamento.

A partir do momento em que se percebe a diversificação de arranjos conjugais e famílias existentes, constata-se que a educação a partir da família é um grande desafio que precisa ser enfrentado. “A visão dos adolescentes sobre a família transcende a idéia de pais mães-filhos. Para eles, família é o núcleo de pessoas mais próximas, seja formada por pais, tios, avó ou por outras pessoas, desde que seja coesa”⁸³. De acordo com Andolfi:

A família é um sistema ativo em constante transformação, ou seja, um organismo complexo que se altera com o passar do tempo para assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros e componentes. Esse processo dual de continuidade e crescimento permite o

⁸⁰ UNICEF, 2009, p. 42.

⁸¹ UNICEF, 2009, p. 42.

⁸² STRECK, Valburga. Famílias em transição: desafios para a sociedade e igreja. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 47, n. 1, jan./jun. 2007, p. 26.

⁸³ UNICEF, 2009, p. 43.

desenvolvimento da família como unidade e, ao mesmo tempo, assegura a diferenciação de seus membros.⁸⁴

Portanto, a família não é uma entidade estática, mas está em constante processo de mudança.

2.4.2 Novos perfis da família

Família Mosaico: O mosaico é formado por filhos de outros casamentos que passaram a conviver como irmãos⁸⁵.

Pães: Pais que criam os filhos sozinhos. “Alguns são viúvos, outros foram abandonados juntamente com os filhos pela mulher, alguns tornaram-se pais sem que houvesse uma relação estável”, afirma a Dra. Mônica Mulatinho. O fato é que a guarda dos filhos, que no passado era quase que exclusiva das mães, hoje é concedida aos pais até mesmo em comum acordo. Conforme o IBGE, mais de 3.400 pais possuem a guarda no Brasil. A quantidade de crianças que moram em casas comandadas por um homem triplicou nas últimas duas décadas e o índice de pais que reivindicam a guarda dos filhos subiu de 5% para 25% nos últimos cinco anos⁸⁶.

Mãe malabarista: É aquela que está no trabalho, mas liga para saber se o filho almoçou. Este tipo de família representa 59% dos entrevistados e se caracteriza pela mãe que tenta equilibrar a profissão com as tarefas da casa e dos filhos - e que tenta fazer isso mesmo à distância. Do ponto de vista destas mães, segundo a pesquisa, o pai é uma figura mais ausente nas tarefas dos filhos e da casa⁸⁷.

Pais "Brothers": Neste segmento, o pai e a mãe confundem afeto com falta de limite. Representa 22% das famílias entrevistadas. Eles procuram compensar a ausência (devido às horas no trabalho) com diversão em excesso. Isso pode comprometer a relação pai-filho. Lídia⁸⁸ pontua: "Amigo a gente escolhe. Pai, mãe e filho, não. Portanto, é necessário existir uma certa hierarquia na família. O pai e a

⁸⁴ ANDOLFI Apud CERVENY, Ceneide; BERTHOUD, Cristiana. *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 17.

⁸⁵ BENDER, Rui. Tem pai de todo jeito. *Novolhar*, São Leopoldo, ano 6, n. 22, jul./ago. 2008, p. 15.

⁸⁶ MULATINHO, Mônica. *Quando o Pai é uma "Mãe"*. p. 01. Disponível em: <http://www.itodas.uol.com.br/Portal//mae/especial_dia_das_maes/materia.itd.aspx.cod=3860&canal=766>. Acesso em: 03 mai. 2009.

⁸⁷ RETRATO da família Brasileira. *Revista Crescer*. p. 02. Disponível em: <<http://www.saranossaterra.com.br/visualizar.asp?cat=10&cod=5994>>. Acesso em: 05 mai. 2009.

⁸⁸ Psicóloga e terapeuta de casais Lídia Aratangy.

mãe podem perder um pouco no quesito popularidade, mas o que eles realmente não podem perder é no quesito confiança”⁸⁹.

Pai Atuante: Neste tipo de dinâmica familiar, que é o mais moderno, o pai divide as funções de cuidado com a casa e os filhos com a mãe. Esse é o modelo de 19% dos entrevistados. Ele mantém sua autoridade, mas busca uma proximidade maior com os filhos do que nos outros dois modelos. Para Lídia, esse é um fenômeno tão interessante e marcante quanto foi à entrada da mulher no mercado de trabalho há 40 anos. No entanto, as próprias mulheres devem contribuir para esse modelo dar certo. "Elas devem permitir que eles façam as coisas do próprio jeito. Ou seja, não adianta deixar uma lista de tarefas para o pai quando ele ficar em casa com o filho", explica. Para ela, as diferenças no jeito de fazer do homem e da mulher são enriquecedoras, e não devem ser evitadas. "Este homem, mais atuante na criação dos filhos, está chegando do seu jeito. E é isso que deve ser buscado - a simetria entre os dois. Se não, o pai vai ser um mero coadjuvante, o que não é o ideal", explica⁹⁰.

2.4.3 A legislação e a educação familiar

Através do Estatuto da Criança e do Adolescente, da Constituição Federal e de outros documentos, a legislação caracteriza o papel da família na educação do adolescente. Tentaremos mostrar de forma sintética qual é a responsabilidade da família descrita nestes documentos. A Constituição Federal afirma:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho [também enfatizado no ECA, art. 53 e LDB, Art. 2º].⁹¹

Este artigo refere-se aos grandes objetivos da Educação Nacional, que são: o desenvolvimento integral da pessoa [saber ser]; seu preparo para exercer a cidadania [saber viver em comunidade] e sua qualificação para o trabalho [saber agir

⁸⁹ RETRATO, 2009, p. 2.

⁹⁰ RETRATO, 2009, p. 1.

⁹¹ REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988. Art. 205.

ou fazer]. Assim, desenvolvimento, cidadania e trabalho são as palavras principais no campo das finalidades educacionais⁹².

A família tem o dever de educar seus filhos e oferecer-lhes um ambiente adequado para aprendizagem. Por isso a Constituição diz:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. [Tal lei é reforçada no Estatuto da Criança e do Adolescente nos artigos 4º e 5º].⁹³

Por ser unidade fundamental da sociedade e meio natural para o crescimento e bem-estar de todos os seus membros e, em particular das crianças, a família deve receber a proteção e assistência necessária para que possa assumir plenamente suas responsabilidades na comunidade⁹⁴.

A família é a principal responsável pela alimentação e pela proteção da criança, da infância à adolescência. A iniciação das crianças na cultura, nos valores e nas normas de sua sociedade começa na família. Para um desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança deve crescer num ambiente familiar, numa atmosfera de felicidade, amor e compreensão. Portanto todas as instituições da sociedade devem respeitar e apoiar os esforços dos pais e de todos os demais responsáveis para alimentar e cuidar da criança em um ambiente familiar.⁹⁵

O artigo 227 da Constituição Brasileira enfatiza o direito do adolescente e da criança ao convívio familiar e comunitário. O Estatuto da Criança e do Adolescente no artigo 19 diz que “toda criança ou adolescente tem o direito de ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta”⁹⁶. A Constituição afirma também que “os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade”⁹⁷.

⁹² MARTINS, Vicente. *O papel educador do estado e da família*. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=593>>. Acesso em: 05 de abril. 2009.

⁹³ REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988, Art. 227.

⁹⁴ CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA. Adotada pela Resolução n. XLIV da Assembléia Geral das Nações Unidas, em 20 de novembro de 1989 e ratificada pelo Brasil em 20 de setembro de 1990. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/c_a/manual_cedica>. Acesso em: 14 abr. 2009.

⁹⁵ KALOUSTIAN, 2000, p. 5.

⁹⁶ REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1990, Art. 19.

⁹⁷ REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988, Art. 229; REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1990, Art. 22.

Quando a família e a comunidade não conseguem garantir uma vida com dignidade, respeito e acolhimento, cabe ao Estado assegurar aos cidadãos tais direitos para que o adolescente desfrute de bens que apenas a dimensão afetiva pode fornecer⁹⁸. Isto independe da configuração da família, pois, conforme a Constituição Federal, “entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”⁹⁹. Takashima acrescenta que “o Estado não tem a função de substituir a família e sim de apoiá-la, dando condições para que ela desempenhe seu papel”¹⁰⁰.

A *Convenção sobre os Direitos das Crianças* reconhece que em todo o mundo existem crianças que vivem em condições extremamente difíceis, e que estas crianças precisam de atenção especial. Além disso, é preciso levar em conta a tradição e os valores culturais de cada povo para que se possa proteger o desenvolvimento harmonioso da criança. E que é importante a “cooperação internacional para a melhoria das condições de vida das crianças em todos os países, em particular nos países em desenvolvimento”¹⁰¹.

Becker destaca a questão da perda do pátrio poder, que acontece quando a família não cumpre seus deveres, maltrata e/ou abusa da criança e do adolescente.¹⁰² Salienta também o artigo 23 do ECA, que afirma que a falta de recursos não implica em perda de poder pátrio, mas, neste caso, a criança e o adolescente devem ser mantidos em sua família e ser incluídos em “programas oficiais de auxílio”¹⁰³.

Em caso de pais separados, o Presidente Lula, sancionou a lei da guarda compartilhada dos filhos, a partir de agora pode conceder a guarda compartilhada, em que ambos os pais podem contribuir para a educação dos filhos, não havendo mais rigidez quanto ao tempo de permanência na casa de um ou de outro e não se

⁹⁸ VICENTE, 2000, p. 51.

⁹⁹ REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988, Art. 226, § 4º.

¹⁰⁰ TAKASHIMA, Geney M. O desafio da política de atendimento à família: dar vida às leis: uma questão de postura. In: KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (Org.). *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 2000, p. 78.

¹⁰¹ CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA, 2009; SPIESS, Vânia Maria. *Desenvolvimento infantil e sua relação de aprendizagem*. p. 1-2. Disponível em: <<http://www.Unifebe.edu.br/divulgacao/discente08.doc>>. Acesso em: 14 abr. 2009.

¹⁰² REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1990, Art. 22, 24.

¹⁰³ BECKER, 1985, p. 62.

sentirá mais como visita, assegurando a manutenção dos vínculos afetivos entre pais e filhos¹⁰⁴.

Como se pode perceber, a família é considerada como lugar adequado para o desenvolvimento da criança e do adolescente, lugar de aprendizado, de formação da personalidade e de preparação para a vida. Por ser um ambiente onde o afeto está presente, a criança e/ou o adolescente não devem ser tirados de lá, a não ser por motivos extremos.

2.4.4 O ciclo de vida familiar

É importante levar-se em conta o importante estudo do desenvolvimento humano realizado por Erik Erikson, que enfatiza a relatividade psicossocial. Para Erikson “é impossível a compreensão do ciclo de vida individual separado do contexto onde o indivíduo está inserido”¹⁰⁵.

Segundo Hoffman, o desenvolvimento humano, inclusive dentro da família, não é como o fluxo contínuo de um rio. As passagens de uma fase para a outra parecem como uma cascata, a qual, em cada desnível de altura, interrompe o seu fluxo, provocando um impacto violento, e fazendo com que o rio se adapte a um novo curso. O mesmo acontece com as famílias. A cada mudança, os mecanismos que existem para manter o sistema funcionando de forma estável começam a funcionar mal. Inicia-se a busca por novas soluções para segurar o antigo funcionamento do sistema familiar. Quando essas fracassam, a tensão aumenta e é gerado um estado de crise. Esta traz confusão na família e exige a busca de uma nova forma de integração¹⁰⁶.

A família é o lugar onde ocorre a maior parte do desenvolvimento humano. Ela precisa ser levada em conta. Segundo Cerveny, cada membro influencia os outros, sendo ao mesmo tempo influenciado. Essas influências mútuas formam o cotidiano da vida familiar. Assim, cada sistema familiar constrói sua história e o processo de construção da realidade se dá no dia-a-dia, ao longo do ciclo vital¹⁰⁷.

¹⁰⁴ BENDER, 2008.

¹⁰⁵ ERIKSON apud CERVENY; BERTHOUD, 2002, p. 21.

¹⁰⁶ HOFFMAN apud STRECK; SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1996, p. 65.

¹⁰⁷ CERVENY; BERTHOUD, 2002, p. 22.

O ciclo vital da família pode, então, ser compreendido como etapas evolutivas do desenvolvimento da vida familiar. Vários autores dividiram o ciclo vital familiar em diferentes números de estágios ou fases e partindo de critérios diversificados. Um dos pioneiros neste assunto, o sociólogo Duvall, em 1957, dividiu o ciclo vital em oito etapas organizadas em torno de fatos nodais, entradas e saídas de membros¹⁰⁸. Conforme, ele a família passa pelos seguintes estágios:

1 - Casais sem filhos; 2 - Famílias com filhos até 30 meses; 3 - Famílias com crianças em idade pré-escolar (2 anos e meio a 6 anos); 4 - Famílias com crianças em idade escolar (6 a 13 anos); 5 - Famílias com filhos adolescentes (até 20 anos); 6 - Famílias com jovens adultos (inclui a saída do 1º até o último filho); 7 - Casal de meia idade; 8 - Envelhecimento.¹⁰⁹

Para Streck e Schneider-Harpprecht, o desenvolvimento da família compreende seis fases: adulto jovem, casamento, família com filhos pequenos, família com filhos adolescentes, meia-idade e família na velhice¹¹⁰. Pessoas em todas as fases convivem juntas no ciclo de vida da família, trocam experiências, aprendem a resolver conflitos. Neste processo de troca, as gerações são comparadas às águas de um rio. Entre a fonte e a boca o rio passa por muitas curvas, correntezas e cascatas. Ele está sempre em fases diferentes, encontra-se em constantes transformações [...]. Quando a água sai da fonte para fazer o seu caminho, a água do mesmo rio desemboca no oceano. Mas todas as águas pertencem ao mesmo rio¹¹¹.

2.4.5 Família com adolescente

Esta metamorfose familiar envolve profundas mudanças nos padrões de relacionamento entre as gerações, pois várias adaptações se fazem necessárias na estrutura e organização familiar para manejar a preparação para a entrada do adolescente no mundo das responsabilidades e compromissos dos adultos.

Streck e Schneider-Harpprecht afirmam que a família tem sofrido muitas transformações rápidas na sociedade pós-moderna, principalmente, atingida pelas mudanças no papel do homem e da mulher, nas convicções básicas sobre o sentido do casamento, no comportamento sexual e na educação dos filhos e filhas. Para os

¹⁰⁸ CERVENY; BERTHOUD, 2002, p. 22.

¹⁰⁹ CERVENY; BERTHOUD, 2002, p. 22.

¹¹⁰ STRECK; SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1996, p. 64.

¹¹¹ STRECK; SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1996, p. 85.

autores, a família com filhos adolescentes, quarta fase, é palco de uma série de conflitos, na maior parte proveniente do próprio desenvolvimento normal do/a adolescente. É a fase, na vida de uma pessoa, onde ela tem as maiores dúvidas e anseios, é o momento de tomar as mais importantes decisões. Muitos destes conflitos poderiam ser evitados se a família mantivesse, desde cedo, um diálogo aberto com seus filhos e filhas, ajudando-os/as nesta fase tão importante da vida¹¹².

Não há dúvidas a respeito: a Adolescência foi uma viagem turbulenta para a maioria de nós, maiores de trinta anos. Nesta perspectiva, parece estranho realmente que nós pais relutemos tanto em partilhar nossas experiências com nossos filhos. Os adolescentes poderiam tirar proveito daquilo que aprendemos por termos estado no lugar para o qual estão indo. Apesar disso, guardamos nossas memórias para nós mesmos e permitimos que nossos filhos naveguem nas mesmas águas agitadas sem qualquer preparo, orientação ou advertência. O resultado é freqüentemente desastroso.

Dobson, psicólogo especializado na área familiar, afirma:

A principal razão pela qual a adolescência é tão angustiante é porque os jovens não compreendem perfeitamente o que está acontecendo com eles. Muitos de seus temores, ansiedades e desânimos poderiam ser removidos mediante um programa de orientação.¹¹³

Esse programa de orientação deve ser feito juntamente com a família e a igreja, pois a fase da adolescência pode ser um grande desafio, porque constitui o período dos sonhos, das aspirações, da construção de castelos no ar, nos quais são formados os propósitos da vida. Pais eficientes, responsáveis e simpáticos podem conhecer melhor seu filho, despertando aspirações nobres, ajudando a se preparar para a vida, sendo uma inspiração e um exemplo.

De acordo com Daunis, os adolescentes apresentam comportamentos sintomáticos: “Crianças dóceis, obedientes convertem-se em jovens críticos, renitentes, às vezes obstinados, desalinhados, agressivos ou depressivos”¹¹⁴.

É verdade que os adolescentes são mais ou menos turbulentos, negligentes, descuidados, gostam de gírias, são irreverentes, curiosos, rebeldes a toda

¹¹² STRECK; SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1996, p. 75-78.

¹¹³ DOBSON, James. *Adolescência feliz*. São Paulo: Mundo Cristão, 1981. p. 26.

¹¹⁴ DAUNIS, 2000, p. 76.

autoridade e restrição, egoístas, indecisos e inconstantes. Mas, será que já experimentamos colocar no outro lado da balança de nossas observações as boas qualidades que eles apresentam? Eu sei. É difícil... Experimento isso na pele com meus dois filhos adolescentes: M.P. (19 anos) e L. (14 anos), e procuro sempre olhá-los por outro prisma.

A maioria de nós considera os adolescentes imprevisíveis e, de muitas formas, eles realmente o são. Se formos sinceros, podemos admitir até que, às vezes, temos medo deles e não sabemos como agir. Tememos seu comportamento, suas emoções, suas convicções. Muitas vezes, ficamos tão apreensivos! Os pais devem conhecer bem seus adolescentes, tão bem que possam discutir corretamente suas necessidades e responder a elas.

3 PROJETO DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICO COM ADOLESCENTES E PAIS DA IGREJA BATISTA EM VALENÇA - BA

Pretende-se, nesse capítulo, apresentar uma orientação à família de como lidar com seus filhos, assim como apresentar sugestões práticas à família e à igreja, de trabalhos que ajudem no crescimento espiritual e proporcionem estabilidade social e emocional ao adolescente.

Como educadora e professora da Escola Bíblica Dominical na classe de adolescentes, sei a importância da minha missão: “[...] alcançar o coração e a mente do aluno através da palavra de Deus”¹¹⁵, pois o ensino da palavra proporciona mudança de comportamento através de um despertar da mente do aluno, guiando-o no processo de aprendizagem.

3.1 Igreja e família: “âncoras” na travessia do meio

Uma das várias funções da igreja é ajudar os pais e mães na educação dos seus filhos e filhas. Dusilek coloca a importância de haver reuniões para casais, acampamentos de família e outros tipos de orientação nesta área¹¹⁶.

Sempre dizemos que a igreja é formada de famílias, e com famílias fortes, teremos igrejas fortes. Fortalecer as famílias é um processo longo, exaustivo, cansativo, mas glorioso. Você, como educador religioso, precisa investir mais nesta área, para que sendo fortalecidas, as famílias venham a ser agentes de transformação da sociedade através da igreja.¹¹⁷

A igreja não deve se limitar a educar apenas religiosamente, ela deve ter em mente que o adolescente deve ser educado e atendido de forma integral. Assim, ela pode se envolver em trabalhos comunitários para ajudar as famílias mais carentes, promover campanhas de arrecadação de cestas básicas, roupas e também buscar parcerias para melhorar a vida destas famílias.

3.2 Orientação à família

Sabe-se que dentro da família, pais, mães e filhos têm diferentes papéis a desempenhar. Esses papéis devem ser bem definidos e claros, pois contribuirão

¹¹⁵ JAMIEL, 1997, p. 27.

¹¹⁶ DUSILEK, N. G. O educador religioso e o ministério da família. *Administração Eclesiástica*, Rio de Janeiro, jul./set. 1993, p. 12.

¹¹⁷ DUSILEK, 1993, p. 12.

para a formação de indivíduos maduros e estruturados. Devido às grandes inovações, inversão de valores, além do pecado, a cada dia esses papéis estão ficando mais confusos, gerando medo nos pais, que se tornaram infantis e não assumem a educação de seus filhos.

Diante de uma sociedade hedonista, há pais que vivem num jogo de manutenção de uma eterna juventude, saem com os filhos e com os amigos dos filhos para as baladas. No entanto, não querem compromisso e responsabilidade, ou seja, são amigos demais de seus filhos e pais de menos. Silvana Henzel¹¹⁸ afirma:

Os jovens precisam de pais crescidos, adultos que mostrem a eles que crescer é preciso e inclui, sim, arcar com as responsabilidades e os sacrifícios que são inerentes a qualquer "viver". Mas que também inclui muitos aspectos positivos e prazerosos, que só quem é adulto pode viver e desfrutar sem medo ou culpa.¹¹⁹

Forte destaca a necessidade de conhecimento e entendimento acerca das características do adolecer, objetivando obter uma relação harmoniosa e facilitadora no decorrer dessa fase¹²⁰. Wagner pontua que "[...] a família deve ser não apenas considerada, mas trabalhada para o atendimento de adolescentes"¹²¹.

3.3 Projeto para pais de adolescentes

Richards sugere, também, que sejam indicados ao pai e a mãe bons livros sobre a família e crianças; formar pequenos grupos dentro da igreja, os quais possam discutir problemas relacionados com o crescimento das crianças; e formar classes de estudo sobre crianças e adolescentes¹²². Sabendo da falta de orientação em como lidar com seus filhos adolescentes, desenvolvi o seguinte projeto com um curso para os pais de adolescentes da Primeira Igreja Batista de Valença:

Nome do curso: Socorro! Somos Pais de Adolescentes

Tema: Adolescentes fortes para a glória de Deus!

¹¹⁸ Psicóloga, psicanalista, membro associado da Sigmund Freud – Associação Psicanalítica em São Leopoldo (RS).

¹¹⁹ HENZEL, Silvana. Amigos demais, pais de menos. *Novolhar*, São Leopoldo, ano 07, n. 26, mar./abr. 2009, p. 24.

¹²⁰ FORTE, M. J. P. O adolescente e a família. *Revista Pediatria*, São Paulo, v. 18, n. 3, 1996, p. 158.

¹²¹ WAGNER, A. et al. A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n. 1, jan./jun. 2002, p. 78.

¹²² RICHARDS, Lawrence. *Teologia da educação cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1996. p. 175.

Divisa: Que nossos filhos sejam, na sua mocidade, como plantas viçosas, e nossas filhas, como pedras angulares, lavradas como colunas de palácio (Sl 144.12)

Professora: Ana Cláudia Oliveira Machado

Pré requisito: Ter filhos na faixa etária de 12 a 19 anos

Perfil: Pais de Adolescentes

Vagas: 40

Local: Sala de Adolescentes da I Igreja Batista de Valença

Período: 06 meses

Dia: Quinzenalmente – aos Domingos das 18h00min às 19h30min

Descrição: Educar filhos está se tornando cada vez mais difícil. A dúvida e a perplexidade assaltam o coração dos pais. Onde estamos falhando? O que está acontecendo com meu filho? Esse curso pretende ajudar aos pais a entenderem o período da adolescência e a reavaliarem os valores que norteiam a educação dos filhos, tendo por base a Palavra de Deus, a disciplina e o amor.

Trabalhos que serão solicitados aos alunos: Leituras bíblicas recomendadas e 75% de freqüência.

Material didático: Apostila

Custo: R\$ 7,00

Aconteceram algumas reuniões, porém o curso não foi concluído, pois os pais apresentavam desculpas por conta do horário. Tentei mudar os horários e percebi que o problema era a falta de interesse, ou talvez, a falta de persistência de minha parte.

3.4 O que a igreja pode fazer em prol do adolescente

De forma mais abrangente, as igrejas durante muitos séculos têm procurado desempenhar seu papel. Porém, vê-se muito investimento voltado para as crianças

e jovens, deixando os adolescentes à mercê de seus problemas, tornando-os presas fáceis para um mundo devorador e hostil.

Outro destaque relevante é o desinteresse da igreja ou de alguns líderes em investir no adolescente por ele ser rotulado dentro da igreja, como trabalhoso, desobediente, inquieto, irreverente e atrevido. É importante ressaltar que essa forma de comportar-se, além de ser característica própria da faixa etária, é também decorrente da falta de envolvimento do adolescente nos trabalhos da igreja.

Algumas poucas igrejas têm proporcionado atividades direcionadas para seus adolescentes, dentre elas, a Primeira Igreja Batista de Valença tem promovido Congresso de Adolescentes e Pais, além de encontros semanais no MINAD¹²³, Escola Bíblica Dominical – EBD, e outras atividades que visam alcançar o lado espiritual de suas vidas. Entretanto, os resultados não são, talvez, os que sempre desejamos, visto que é quase impossível alcançar o lado espiritual do adolescente se ignorarmos os aspectos biopsicossociais.

3.4.1 Sugestões de trabalhos que podem ajudar no crescimento espiritual do adolescente

Lopes sugere atividades voltadas para a vivência da fé, como: testemunhos, vida cristã, encontros com Deus, leitura da palavra, confraternizações, congressos, consagrações, vigília, série de conferências bíblicas, estudos bíblicos nos lares, cursos bíblicos, evangelismo e missões, cursos específicos, escolas bíblicas, seminários, etc¹²⁴. Deixaremos sugestões no apêndice.

3.4.2 Sugestões de trabalhos que proporcionam estabilidade social e emocional do adolescente

Podemos proporcionar a integração do grupo, aproveitando o interesse por coisas abstratas, o espírito competitivo, o lado humorístico que a maioria dos adolescentes tem, além de suprir as necessidades básicas de atenção, valorização ou aceitação e amor, através dos seguintes trabalhos: retiros, festas de aniversários, debutantes, encenação, monólogos, concursos bíblicos, etc. Deixaremos sugestões no apêndice.

¹²³ Ministério de Adolescentes da Primeira Igreja Batista de Valença.

¹²⁴ JAMIEL, 1997, p. 24.

3.5 A ação ministerial

Numa pesquisa entre a juventude evangélica, foi feita a seguinte pergunta: Quando surge um problema, a quem você pede ajuda? Entre oito alternativas apresentadas, o pastor foi escolhido em último lugar¹²⁵. Este é um aspecto a ser refletido pelos líderes, porque manter um adolescente dentro da igreja hoje não é tarefa fácil. Os pastores e líderes que o digam! A concorrência com o mundo lá fora é grande e, na maioria das vezes, desleal, pois tudo é colocado de forma a atraí-los. O adolescente precisa ser estável, espiritualmente falando, precisa fazer parte de uma geração radical que não se corrompe com o mundo.

O ministro tem a incumbência especial de ministrar a palavra, como também desenvolver ações relevantes que promovam estabilidade social, emocional e espiritual nos adolescentes. Lopes destaca pontos básicos que devem ser considerados:

- 1) O ministro deve ter consciência de que o adolescente, como membro de uma família, precisa ser assistido pela igreja através da ação pastoral, visto que a missão primordial da Igreja é alcançar e edificar a família pela Palavra de Deus. Por isso, deve ser proporcionado um espaço para o adolescente na Igreja a fim de que ele possa ser ganho para Cristo;
- 2) Prover recursos para realização de trabalhos voltados ao adolescente, para que se possa levá-lo a um crescimento espiritual e proporcionar-lhe estabilidade social e emocional;
- 3) Conhecer o adolescente, suas necessidades, seu processo de mudança, sua vivência da fé e sua experiência com Deus;
- 4) Reconhecer a falta da assistência integrada e a carência de material didático e humano;
- 5) Procurar estabelecer metas para suprir as necessidades básicas do adolescente, alcançando o aspecto espiritual, psicológico, social e físico.¹²⁶

Sabe-se que são muitas as atribuições para apenas uma pessoa, por isso, o ministro deve contar com o apoio do ministro de educação para assessorá-lo numa missão tão sublime e árdua.

¹²⁵ LEOTO, Sérgio; LEOTO, Magali. *Escola de pais: cuidado! Adolescente em crise!* p. 3. Disponível em: <<http://br.dir.groups.yahoo.com/group/escoladepais/message/623>>. Acesso: 05 maio 2009.

¹²⁶ JAMIEL, 1997, p. 25-26.

3.6 O ensino bíblico para o adolescente

O ensino bíblico é, sem dúvida, um meio eficaz de promover instrução e educação, objetivando o coração do intelecto do aluno. O ensino deve atingir a mente e o coração. Em Hebreus 10.16, afirma-se: “Porei nos seus corações as minhas leis, e sobre as suas mentes os inscreverei”. No entanto, para que o ensino aconteça é preciso haver: professor, escola e ensino.

3.7 A Escola Bíblica Dominical imprescindível para o adolescente

A Escola Bíblica Dominical deve ser uma escola dinâmica, onde os adolescentes se reúnem todos os domingos, pela manhã, para estudar a Santa Palavra de Deus, ampliando assim seus conhecimentos bíblicos. Esses conhecimentos lhes permitirão conhecer mais o Autor e Consumador da nossa fé, sendo despertados para a necessidade de evangelizar e ganhar almas para o reino de Deus. A fundamentação bíblica, a consciência doutrinária e a visão da obra de Deus têm sido amadurecidas no coração de crentes através desta organização que nasceu um dia no coração de Roberts Raikes, na Inglaterra¹²⁷.

O adolescente precisa crescer na graça e no conhecimento do Senhor, precisa ser extravagante em adoração, espontâneo para um verdadeiro relacionamento com o Senhor, explosivo para encarar o mundo e suas tentações, querer transformar o mundo levando a palavra de Deus como testemunho de vida. Revolucionário para levar o Evangelho, mostrar sua força, criatividade e dizer que o Evangelho é muito mais do que vir à igreja e ficar sentado no banco; ser incansável em cumprir a vontade de Deus e mostrar ao mundo que você é mais que vencedor!

3.8 A escolha e a capacitação de professores

A influência que um professor tem na vida de um adolescente é muito grande. Vaughan enfatiza a importância da escolha de pessoas para trabalhar com as crianças e adolescentes e a disponibilidade dos recursos. Ela comenta que as igrejas devem ter urgência e considerem com mais atenção e carinho a equipe que

¹²⁷ DORNAS, Lécio. *Socorro!* Sou professor da Escola Dominical. São Paulo: Exodus, 1997. p. 10.

elege para ensinar. As crianças e adolescentes merecem os melhores professores, as melhores salas, o melhor equipamento, pois vidas estão sendo moldadas¹²⁸.

A educação secular requer de seus professores apenas conhecimento e formação técnica adequada ao ensino que será ministrado, ao passo que a educação cristã, para atingir seus objetivos, necessita de professores que tenham uma vida digna do evangelho que proclamam. É necessário negar-se a si mesmo, tomar a cruz e segui-lo, não apenas de palavras, mas de atitudes.¹²⁹

Na capacitação dos líderes da área de educação, principalmente dos professores, é necessário que se incluam suas responsabilidades e sua influência na vida de seus alunos. Assim como Deus deseja que o pai e a mãe sejam bons exemplos para o filho e/ou a filha, do mesmo modo, na igreja, os educadores e educadoras devem ser bons modelos para as crianças¹³⁰. Armstrong sugere quatro maneiras diferentes de se preparar os educadores:

- 1) Orientação inicial: esta deve acontecer antes de começar o “ano eclesiástico”, onde os professores recebem estímulo, orientação e planejam quanto aos materiais, métodos e sistemas que serão utilizados;
- 2) Oportunidades especiais de aprendizagem: estas surgem durante o ano e podem ser seminários, conferências, etc.;
- 3) Treinamento contínuo: são as reuniões periódicas que acontecem entre professores e líderes da área de ensino.¹³¹ “Brown sugere alguns ingredientes fundamentais para a reunião periódica: estudo bíblico relacionado com a vida dos professores; atividades que visem a melhorar as habilidades pedagógicas; estudo antecipado da unidade, ou da lição”¹³²;
- 4) Relações interpessoais com o ministro de educação religiosa e/ou pastor: é muito importante existir amizade entre os líderes. A amizade dá coesão ao programa, e ajuda a ter uma visão uniforme do que o programa pode significar para o crescimento da igreja¹³³.

3.9 O professor da Escola Bíblica Dominical

A fé em Deus é um eixo que pode dar equilíbrio e estabilidade na vida do adolescente. Nessa fase em que ele desenvolve sua própria imagem, o desenvolvimento da imagem que ele tem de Deus é fundamental para amadurecer

¹²⁸ VAUGHAN, Charlotte Estelle. Vai bem com as crianças? *Administração Eclesiástica*, Rio de Janeiro, 1973. p. 21.

¹²⁹ GEORGE, 1993, p. 58.

¹³⁰ ARMSTRONG, Hayward. *Bases da educação cristã*. Rio de Janeiro: JUERP, 1994. p. 112.

¹³¹ ARMSTRONG, 1994, p. 138-139.

¹³² BROWN apud ARMSTRONG, 1994, p. 139.

¹³³ ARMSTRONG, 1994, p. 139.

sua fé. Portanto, o desenvolvimento de uma imagem positiva de Deus no adolescente é o alvo que deveria estar presente na mente de pais, pastores e professores que atuam com os adolescentes na Escola Bíblica Dominical ou Ministério com Adolescentes.

A missão do professor da Escola Bíblica Dominical é alcançar o coração e a mente do aluno através da Palavra de Deus¹³⁴. Ser professor da EBD é um privilégio visto que ele é integrante da melhor escola do mundo.

3.9.1 O perfil do professor da Escola Bíblica Dominical

Um professor da EBD precisa ser um cristão genuíno, integrado à igreja com a qual coopera, servindo como tremendo instrumento nas mãos de Deus para a edificação e inspiração de seus alunos a se envolverem com as coisas de Deus. Eis algumas características fundamentais que o professor deve ter:

- 1) Ser dizimista fiel;
- 2) Ter firmeza doutrinária;
- 3) Estar envolvido nos trabalhos da igreja;
- 4) Ser referencial espiritual e ético;

No ensino específico com adolescentes, há quatro pontos básicos que o professor precisa ter em mente:

- 1) Por que ensino: É importantíssimo que o professor tenha consciência de sua vocação e chamado para o ensino¹³⁵. Nosso interesse principal não deve ser apenas o conteúdo, mas princípios espirituais que influenciem o adolescente;
- 2) Para que ensino: É importante sensibilizar os adolescentes para os problemas sociais e as possibilidades de trabalharem pelo Reino estimulando o protagonismo juvenil, através de projetos sociais, da participação nos trabalhos da igreja local assim como em trabalhos voluntários na comunidade, entre outras possibilidades. É necessário conquistar a confiança do adolescente para poder ajudá-los. Ao invés de criticá-los quanto à inadequação da roupa que usam, procurar saber que eles se sentem tão inadequados que combinam com aqueles trajes. O trabalho com os adolescentes não pode deixar de considerar as necessidades da juventude de hoje em um nível íntimo. É preciso compreender seus medos, suas dúvidas quanto ao sexo e as pressões que sofrem;
- 3) O que ensino: Richards pontua: “Na educação ensinamos o que sabemos, mas na educação cristã ensinamos o que somos”¹³⁶. “Jesus disciplinava seus

¹³⁴ JAMIEL, 1997, p. 27.

¹³⁵ JAMIEL, 1997, p. 27.

seguidores ensinando-os com sua própria vida. Ele disse: 'Porque eu vos dei exemplo, para que, como eu fiz, façais vós também' (Jo. 13.15)¹³⁷. Em Lucas 6:40 há a seguinte verdade: "O discípulo não está acima do seu mestre; todo aquele, porém, que for bem instruído será como seu mestre". Independente da reação que ele provoca em nós, se quisermos ensinar aos outros, precisamos primeiro pedir a Deus que Ele nos ensine. Ele deseja abençoar outros por nosso intermédio, mas antes é necessário que nos abençoe e que opere em nós¹³⁸.

- 4) A quem ensino: Para ser um professor eficiente, não basta dominarmos o conteúdo a ser ministrado; precisamos conhecer também aqueles a quem ensinamos¹³⁹. As pessoas que se dispõem a trabalhar com os adolescentes precisam conhecer as fases pelas quais eles passam, procurar entendê-los e desenvolver habilidades para participar de suas vidas fazendo intervenções facilitadoras desse processo. É imprescindível gostar de adolescentes. Ser muito bem humorado e amigo. Mostrar-se verdadeiro e acolhedor. Trabalhar através da conscientização e não da coerção.

3.9.2 O que ensinar em cada fase

Na concepção eriksoniana, a adolescência é uma etapa de transição entre a infância e a vida adulta na qual se produz uma desestruturação da identidade. É o período ou idade da crise.

Erikson¹⁴⁰, psicanalista na linha de Freud, afirma que o desenvolvimento do adolescente acontece em três aspectos: fisiologicamente, mentalmente (amadurecimento) e quando ele se responsabiliza socialmente. A partir de uma visão psicossocial, este período é atravessado pela crise de identidade.

É na crise de identidade que o adolescente enfrenta, busca formas próprias de ser e prova diferentes tipos e estilos (roupas, cabelos, adereços, música, comportamento, etc.). Neste processo surgem angústias, crises, problemas com os irmãos e irmãs.

¹³⁶ RICHARDS Apud ARMSTRONG, 1994, p. 112.

¹³⁷ ARMSTRONG, 1994, p. 112.

¹³⁸ HENDRICKS, Howard. *Ensinando para transformar vidas*. Venda Nova: Betânia, 1991. p. 17.

¹³⁹ HENDRICKS, 1991, p. 39.

¹⁴⁰ Erik Erikson, psicanalista, ocupou seus estudos em casos normais, pois a psicanálise tratava de casos anormais. Observando os soldados da Segunda Guerra Mundial ficou impressionado como os mesmos se adaptavam a diversas situações. Diante disso, ele concluiu que as primeiras experiências da vida são muito importantes.

A partir de oito idades do desenvolvimento do ser, Erikson formulou que em cada fase o ser humano passará por crises¹⁴¹ que o ajudará na formação de sua personalidade. Vejamos a quinta idade:

Identidade versus confusão de identidade e de papéis – 12-18 anos:

“Eu sou eu, e quem eu (não) sou”. Jovem relação social com o grupo, novos amigos e modelos. O objetivo deste estágio é desenvolver a virtude da fidelidade, ou seja, uma capacidade de perceber e de se manter, através de valores estabelecidos por meio de um sistema de vida específico. Temos quase que um instinto de fidelidade, isto é, quando chegamos numa certa idade podemos e devemos aprender a acreditar em alguma visão ideológica. Falando psiquiatricamente, sem o desenvolvimento de uma capacidade de fidelidade o indivíduo terá uma personalidade fraca, ou procurará um grupo marginal a quem possa ser leal. Esta é a fase da formação da "identidade do ego", e da famosa "crise de identidade", utilizadas por Erikson como base para a formulação dos estágios seguintes¹⁴².

1) Adolescentes de 12-14 anos:

COMPORTAMENTO	AÇÃO
Vacila entre o ódio e amor intenso pelo sexo oposto; tem uma imensa vontade de ser aceito pelos colegas, mas nem sempre está pronto a aceitar os outros. Quer fazer parte do “grupo”, não gosta de andar só.	Providenciar atividades em grupo, na qual a cooperação é necessária e onde os resultados não dependam só de um. Oferecer oportunidade para participação.
Está adquirindo independência, mas ainda é dependente; tem pavor de sugestão e intervenção dos pais, mas ao mesmo tempo é muito inseguro sem a mesma.	Aceite o comportamento contraditório, na verdade, o adolescente está testando o que é aceitável. Providencie normas, mas seja flexível.
Capaz de lealdade intensa por períodos curtos: o melhor amigo, o time, os líderes políticos. Capaz de ver as falhas nos outros: pais, heróis, políticos, amigos, professores.	Providencie oportunidade para estudar as biografias de grandes líderes na vida política, esportiva e eclesiástica. Aceite a formação dos pares, mas providencie atividades de grupo onde os pares possam ser ativos.
Facilmente embaraçado.	Procure não causar mais embaraço para o adolescente.
Tendência para os extremos: ou muito agressivo ou extremamente tímido.	Providenciar oportunidades para as pessoas tímidas se exporem e que obriguem o agressivo a trabalhar com outros.

¹⁴¹ Crises: períodos de tomada de decisão em que antigos valores e escolhas são reexaminados.

¹⁴² ERIKSON apud DAUNIS, 2000, p. 33.

2) Adolescentes de 15-16 anos:

COMPORTAMENTO	AÇÃO
Na procura de descobrir seu “eu”, sua identidade.	Providenciar bibliografias contemporâneas e discutir a respeito de pessoas famosas e crenças básicas.
Vacila ente a necessidade de apoio e um relacionamento íntimo com os pais e outra autoridade e um desejo de independência.	Ser constantemente flexível e estar pronto a alterar planos, repentinamente.
Ressente-se das limitações impostas por outras, mas ao mesmo tempo, sente-se seguro com alguns limites.	Permitir liberdade em cada ponto. Encorajar a participação no ato de estabelecer limites.
Demonstra lealdade intensa às pessoas e causas, mas muda seguidamente.	Ser compreensivo/a nas mudanças dos níveis de relacionamentos.
Relacionamento difícil com pais e figuras autoritárias.	Seja compreensivo quando sentimentos fortes contra outras figuras de autoridades forem projetados em você.
Sente-se muito isolado. Pensa que ninguém se importa com ele/a.	Demonstrar e expressar apoio pessoal constante.
Deseja ser ouvido – necessidade de ser ouvido.	Escutar e levar a sério o que ouve.

3) Adolescentes de 17-19anos:

COMPORTAMENTO	AÇÃO
Facilmente embaraçado e envergonhado	Ser sensível e evitar situações que o coloquem na defensiva. Dar bastante apoio e elogios para os sucessos.
Tendência de substituir adultos fora da família.	Estar alerta às necessidades de falar, discutir idéias e outros assuntos; ajudar o juvenil a perceber e pensar sobre os problemas pessoais.
Está ampliando o círculo de amigos, pode ter um ou dois amigos íntimos, mas é capaz de relacionar-se com muitas pessoas. Disponível a experimentar socialmente, com comportamento diferente, grupos novos de pessoas, fumando drogas, relacionamentos interpessoais, acampamentos, viagens etc.	Planejar atividades sociais onde os relacionamentos recebem mais atenção. Dar muita atenção aos valores nos quais as escolhas são baseadas.
Liga-se às causas de justiça, com verdadeiro pavor daquilo que esteja errado.	Providenciar envolvimento com pessoas necessitadas, doentes, creches, centros sociais etc.
Pode ser mais “indivíduo” – não tão dependente do “grupo”	Providenciar atividades que prezem o individual, não no sentido de individualismo, mas no sentido de preocupação com o ser.

4 FAMÍLIA: “ÂNCORA” PARA O ADOLESCENTE

Destaco que é plano divino que a família participe na educação de seus filhos, e aquele que se esquia de tão grande responsabilidade, priva-se de um dos maiores e mais santos privilégios, lançando uma carga injusta sobre a igreja, a sociedade, o estado e a escola.

Os filhos precisam ter o tipo de pais em suas vidas que proporcionam o caráter de que eles precisam, que afirmam o seu valor e confirmam que eles são um presente de Deus. Os pais precisam colocar expectativas nos corações dos filhos para que eles acreditem em si mesmos¹⁴³.

4.1 Exercer a diaconia de seus filhos

Ensinar o filho é um dever importante demais para ser transferido aos outros. Deus exige dos pais, e não dos professores da Escola Bíblica, a responsabilidade de educar seus filhos.

A intenção de Deus é levantar pais espirituais que estejam dispostos a cuidar de filhos espirituais e ajudá-los a crescer em suas vidas cristãs. Esse é o cumprimento da promessa do Senhor nos Últimos dias: "Ele fará com que os corações dos pais se voltem para seus filhos, e os corações dos filhos para seus pais..." (MI 4.6)¹⁴⁴.

A paternidade abrange o processo de “fazer discípulos” dos próprios filhos. Os pais ensinam obediência não apenas para manter os filhos sob sua autoridade, mas também para levá-los à salvação e ao discipulado espiritual. Gaede Neto pontua:

[...] a inconfundível identidade da diaconia como parte integrante do discipulado na perspectiva da cruz, ou seja, em favor do bem-estar de todas as pessoas. Está construída sobre a ordem fundamental que Jesus proclamou à comunidade de suas seguidoras e seguidores no sentido de uma constante inversão de valores, em que os primeiros e grandes servem aos últimos e pequenos, ao invés de oprimi-los.¹⁴⁵

¹⁴³ KREIDER, Larry. *O clamor por pais e mães espirituais*: projeto cem por um. Igreja Batista Peniel no Jardim Rio Branco. p. 3.

¹⁴⁴ KREIDER, p. 4.

¹⁴⁵ GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus*: uma contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo: Paulus, 2001. p. 186.

Se quisermos que nossos filhos assimilem nossos princípios de vida, temos de comunicá-los pessoalmente. Pensemos nos valores espirituais. Se desejarmos que eles creiam, precisamos ter o trabalho de explicar-lhes nossa fé cristã. “Ensinar a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho, não se desviará dele” (Pv 22.6). Não é apenas uma promessa para os bons pais de que a orientação espiritual sólida assegurará uma vida piedosa para seus filhos, mas é também uma admoestação de que a criança abandonada à própria obstinação vai acabar no caminho da destruição.

É preciso partilhar com nossos filhos as dificuldades e as alegrias, eles precisam ser parceiros e saber que todo o poder e glória pertencem ao nosso Rei, a quem servimos, honramos e adoramos; sabendo que Deus é fiel e cumpre suas promessas.

[...] a diaconia se caracteriza pelo propósito de uma constante renúncia ao caminho de glória e do poder que visam a autopromoção, raiz do pecado humano. É a disposição para o caminho da auto-entrega, de serviço em obediência única à vontade de Deus.¹⁴⁶

O modelo mais positivo que possuímos é a Palavra. Na verdade, é o único modelo verdadeiro e seguro. É a forma escolhida por Deus para transmitir Sua vontade às nossas famílias. “Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te” (Dt. 6.6-7).

A Bíblia veio a se constituir pela tradição oral de narrar a história de pais para filhos. Ela é a redação escrita de uma história, passada oralmente de geração em geração, narrando acontecimentos e experiências fundamentais, em forma de “consciência histórica ou memória narrativa”.¹⁴⁷

Em meio a um contexto de terror e violência, transmitir a paz aos nossos filhos é fundamental, pois as promessas de Deus são tão confortantes, pois não há nada melhor que confiar somente em Deus. A Bíblia é um livro que contém muitas narrativas primordiais para o crescimento espiritual de nossos filhos.

[...] linguagem inclusiva tão rara nos relatos bíblicos e também na prática narrativa com crianças. Um texto a destacar, neste sentido, é a profecia de

¹⁴⁶ GAEDE NETO, 2001, p. 182.

¹⁴⁷ KLEIN, Remí. *A narração de histórias bíblicas na perspectiva da criança: fundamentos e modelos narrativos*. 1996. Dissertação (Mestrado em Teologia) - São Leopoldo: EST, 1996. p. 49.

Zacarias 8.1-8. Nos versículos 4 e 5 lemos: "Ainda nas praças de Jerusalém sentar-se-ão velhos e velhas, levando cada um na mão o seu arrimo, por causa da muita idade. As praças da cidade se encherão de meninos e meninas, que nelas brincarão".¹⁴⁸

Que promessa maravilhosa! O texto mostra um encontro lúdico e inclusivo em plena praça, onde todos estarão livres, longe do cativeiro

4.2 Ser exemplo para seus filhos

Boas instruções precisam ser acompanhadas de bons exemplos. O ensino proveniente apenas dos lábios provavelmente será ineficaz. Os filhos são espertíssimos em detectar inconsistências e rejeitar a hipocrisia. Deus disse ao Rei Amazias: "Em tudo seguiu o exemplo do seu pai Joás".

Os pais necessitam estar constantemente alertas contra aquilo que pode torná-los desprezíveis aos olhos daqueles que deveriam respeitá-los e honrá-los. Não apenas devem instruir seus filhos no caminho da santidade, mas eles mesmos devem andar neste caminho, mostrando por sua conduta quão agradável e proveitoso é ser orientado pelo Senhor.

Quanto à vida familiar, nem o esposo nem a esposa deve transferir para o outro toda a responsabilidade pelo aspecto espiritual da vida da família. A mãe com certeza tem a incumbência de suplementar os esforços do pai, pois os filhos desfrutam mais de sua companhia.

Se existe a tendência de os pais serem muito rígidos e severos, as mães são propensas a serem muito brandas e clementes. Portanto, têm de vigiar mais contra qualquer coisa que enfraquecerá a autoridade do pai. Quando este proibir alguma coisa, ela não deve consenti-la aos filhos.

É admirável observar que a exortação dada em Cl 3.21 é precedida por "habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo". Demonstrando que os pais não podem cumprir seus deveres, a menos que estejam cheios do Espírito Santo e da Palavra de Deus.

¹⁴⁸ KLEIN, 1996, p. 79.

4.3 Disciplinar seu filho

O adolescente mimado tem expectativas irreais sobre o mundo, pois não foi disciplinado. Amor sem disciplina é puro sentimentalismo. Disciplina sem amor é tirania. Amamos aos nossos filhos? Se os amamos, então podemos discipliná-los. Porém, se for exercida sem amor, teremos rebeldia como resultado. Rob Parsons afirma: “O segredo para conquistarmos o amor de uma criança é demonstrar que a amamos incondicionalmente”¹⁴⁹.

O Apóstolo Paulo diz: “Pais, não corrijam demasiadamente os seus filhos, para que eles não cresçam sentindo-se inferiores e frustrados”. Há muitos pais que esperam demais dos filhos e não deixam que o filho tenha liberdade para dar opiniões e não o deixa sequer respirar. Dizer *não* todas as vezes não é apenas irritante para ela, mas abafa seu interesse pela vida, impede sua curiosidade e reduz a vontade de aprender. Há pais que não são coerentes e mudam de opinião o tempo todo quanto às regras estabelecidas.

Em Provérbios 22.6 lemos: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele”. Zagury afirma que devemos disciplinar, mas sem bater, e nos dá as seguintes dicas:

Premiar ou recompensar o bom comportamento, entendendo que premiar não é dar coisas materiais; fazer com que nossos filhos assumam as conseqüências dos seus atos positivos ou negativos e que para isso ele precisa ser elogiado nos atos positivos, ser recompensado com amor, carinho, afeto, palavras de estímulo.¹⁵⁰

A autora ainda adverte que os pais não podem perder a autoridade ao disciplinar e para isso devem cumprir o que disseram (ameaçou, execute, prometeu, faça). Deve ser coerente. Fazer com que gradualmente os filhos assumam responsabilidades. Ter cuidado com o que você diz e com o modo como diz. Criticar o ato, nunca a pessoa ou a personalidade de seus filhos. Tratar apenas dos assuntos em discussão e não ficar desenterrando fantasias do passado¹⁵¹.

Conforme Tiba: “Uma educação severa, em que o erro é castigado e o acerto nem sempre é premiado, gera pessoas tímidas. Portanto, a timidez é uma

¹⁴⁹ PARSONS, Rob. *O pai sessenta minutos*. São Paulo: Betânia, 2002. p. 67.

¹⁵⁰ ZAGURY, Tânia. *Limites sem traumas*. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 78.

¹⁵¹ ZAGURY, 2005, p. 82.

criação dos homens”¹⁵². Essa é a explicação para as crianças que sofrem muita repressão, amoldam-se e sofrem caladas, e quando chega a adolescência, a timidez é a perda da liberdade de tomar iniciativa.

Há ainda aqueles filhos que desenvolveram a birra. Trata-se de um estado psicótico de comportamento em que se nega a razão para fazer prevalecer uma vontade. Sobre esse assunto Tiba afirma: “Para chegar à birra, a mãe foi indisciplinada: proibiu e cedeu, proibiu e cedeu. Desrespeitou as próprias proibições, ensinando o filho a fazer o mesmo: desrespeitá-la”¹⁵³. Eis o motivo pelo qual devemos ser seguros em nossas atitudes.

A palavra *disciplina* carrega em si um ranço do autoritarismo e de falta de diálogo que era comum no comportamento das gerações anteriores. Os pais dos adolescentes de hoje sentem até um mal-estar diante dessa palavra, a ponto de querer bani-la da educação de seus filhos. No entanto, educar dá trabalho, porém, um adolescente entende quando dizemos: “Eu amo você, mas não gosto do que você faz”. Em lugar de castigos e punições, devemos usar a filosofia da consequência. Geralmente o castigo não educa. O erro deve levar ao aprendizado.

Em Efésios 6:4 também se verifica tal recomendação: “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor”. Este versículo deixa clara a responsabilidade dada ao pai e a mãe. Assim, eles devem usar o ensino informal e o formal, juntamente com a disciplina com amor¹⁵⁴. Conforme Thums, a educação principal iniciava na família, “com um profundo sentimento religioso, sobre a importância da família, do patriotismo e com características bem claras de uma moral absolutamente eficaz”¹⁵⁵.

Com certeza, Deus ama seus filhos com um sentimento paternal mais profundo do que você ama seus filhos, mas Ele nos diz: “A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe” (Pv. 29.15).

¹⁵² TIBA, Içami. *Disciplina: limite na medida certa*. São Paulo: Gente, 1996. p. 124.

¹⁵³ TIBA, 2005, p. 157.

¹⁵⁴ GEORGE, 1993, p. 106.

¹⁵⁵ THUMS, Jorge. *Ética na educação*. Canoas: ULBRA, 2003. p. 142.

4.4 Orar por seu filho

As famílias precisam de pais e mães que vão assumir suas responsabilidades como pais espirituais¹⁵⁶. O mais importante dever, no que se refere ao bem estar físico e espiritual de seus filhos, é a intensa súplica a Deus em favor deles. Sem isto, todos os outros deveres são ineficazes. Ele pode ajudar você a se apropriar do perdão de Deus, a receber cura das suas emoções e a força para não pecar mais.

A Bíblia nos diz que o piedoso Jó "chamava a seus filhos e os santificava; levantava-se de madrugada e oferecia holocaustos segundo o número de todos eles" (Jó 1.5). Uma atmosfera de oração deve permear o lar e ser respirada por todos os que dele compartilham. O privilégio da fé consiste em apropriar-se das promessas divinas e em recordar que a ardente e eficaz oração de um justo produz muitos resultados. Em 1 Tessalonicenses 2.11, Paulo lembra à igreja que ele foi um exemplo como pai, exortando, consolando e tratando cada crente "como um pai trata seus filhos". Portanto, um aspecto importante da paternidade espiritual é dar o exemplo que os outros podem imitar e reproduzir¹⁵⁷.

Os pais necessitam estar constantemente alertas contra aquilo que pode torná-los desprezíveis aos olhos daqueles que deveriam respeitá-los e honrá-los com seus esforços em educar os filhos para a glória de Deus, sem esquecer que precisa haver uma humilde submissão a sua soberana vontade. Muitos pais começam desde o dia em que o filho nasce a orar consistentemente pelas pessoas que influenciarão a sua vida¹⁵⁸. Devemos orar de maneira específica pelos nossos filhos, orar para que eles corram para Deus e tenham fome da palavra de Deus. Ore para que aprendam a resistir às tentações e fugir delas. Enfim, que nós pais sejamos para nossos filhos mentores(as) espirituais e porto seguro para uma fase de tantos desafios.

¹⁵⁶ KREIDER, p. 8.

¹⁵⁷ KREIDER, p. 18.

¹⁵⁸ MCDOWELL, Josh; WAKEFIELD, Norm. *A diferença que o pai faz*. São Paulo: Candeia, 1995. p. 144.

CONCLUSÃO

Considerando-se as mudanças ocorridas na organização social e na estrutura das instituições Família e Igreja na contemporaneidade, elas ainda têm exercido grande influência no desenvolvimento de seus membros, principalmente na vida de seus adolescentes, que depositam na família, a base de sua segurança e bem-estar. Isso por si só é um indicador da valorização da família como contexto de desenvolvimento humano.

Os novos modelos familiares, associados à forma específica como os pais foram educados e à influência de novos padrões de relacionamento interpessoal atuais, têm desencadeado dificuldades na educação dos filhos, sendo que a preocupação com o desenvolvimento, a educação, a orientação e a condução do adolescente com segurança rumo a uma adultez saudável nunca estiveram tão presentes nas discussões científicas como nos dias atuais¹⁵⁹.

A família mantém seu papel específico no contexto social em que se insere. Por essas razões, torna-se imperativo investir em programas de orientação para pais com a finalidade de instrumentalizá-los para poderem lidar de forma mais adequada com seus filhos adolescentes, auxiliando-os a fornecer orientações mais precisas que sirvam de referência para seus filhos. É muito importante que os pais tenham consciência do que falam e fazem, pois a forma como vivem influencia seus filhos/as de maneira muito poderosa. Portanto, é necessário ter muita cautela, discernimento e sabedoria para que se possa, realmente, ajudar a família a resolver seus problemas. Assim, os pais podem reduzir suas angústias frente à adolescência dos filhos e estes, por sua vez, podem ver os pais como um suporte emocional singular ao qual podem recorrer diante das dificuldades de ajustamento que enfrentam.

O pastor precisa estar muito bem preparado para o ministério de aconselhamento; isso porque a família tem vivenciado crises emocionais que influenciam todas as áreas da vida. Sabe-se que a grande missão da igreja é a de levar pessoas a Cristo através do ministério da pregação, mas, sobretudo, exercitar

¹⁵⁹ CANO, Maria. *A percepção dos pais sobre sua relação com os filhos adolescentes: reflexos da ausência de perspectivas e as solicitações de ajuda*. Tese de Livre Docência, Programa de Pós-Graduação da Escola de Ribeirão Preto, 1997. p. 38.

a compaixão, a solidariedade e a cura, atendendo assim, o ser em sua totalidade: o físico, o espiritual e o emocional.

Por isso, é necessário que o ambiente da Igreja seja propício à cura da alma, do corpo e do espírito. O pastor, juntamente com os professores da EBD, devidamente orientados através do Espírito Santo e de uma *theopraxis*¹⁶⁰ transformadora em como lidar com o adolescente, precisam tomar consciência de seu papel como apoiadores e colaboradores da família na missão sublime de transformar vidas.

Diante da realidade social em que vivemos, a Igreja Batista necessita rever conceitos tradicionais e contextualizar-se na área do ensino, pois como igreja acolhedora precisa preparar-se para os desafios do novo milênio. Vê-se a necessidade da I Igreja Batista em Valença investir na educação axiológica e ontológica, pois com um número de membros tão elevado e com um contingente de pedagogos que fazem parte da membresia muito pode ser feito pela educação. Educar é um grande investimento que exige muito compromisso, disposição, determinação e trabalho. Educar é acreditar na vida, mesmo que derramemos lágrimas. Educar é ter esperança no futuro, colher com paciência. Educar é ser um garimpeiro que procura tesouros do coração¹⁶¹.

Sei que muitos pastores e professores de algumas igrejas têm se preocupado com a situação atual do mundo e muitas são as tentativas de mudanças em suas igrejas, é exatamente entre essas pessoas que eu me encontro. Reconheço as limitações dessa pesquisa e como educadora pretendo contribuir, em especial, para a transformação da minha igreja. Contudo, se outras pessoas, através desse trabalho, sentirem-se motivadas a pensar e a agir de forma mais prática, certamente será muito recompensador para mim. Nesse primeiro momento, já encontrei caminhos simples para incentivar a PIB em sua missão de atuar como uma comunidade terapêutica para os adolescentes e suas famílias.

¹⁶⁰ Termo alemão referente à teoria e a prática.

¹⁶¹ CURY, Augusto. *Pais brilhantes: professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 9.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ARMSTRONG, Hayward. *Bases da educação cristã*. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.
- BARROS, Patrícia; BARBIRATO, Fábio. Origem e manutenção do comportamento agressivo na infância e adolescência. *Rev. bras. ter. cogn.* Disponível em: <<http://scielo.bvspsi.org.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?&IscisScript=iah%2Fiah>>. Acesso em: 9 abr. 2009.
- BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENDER, Rui. Tem pai de todo jeito. *Novolhar*, São Leopoldo, ano 6, n. 22, jul./ago. 2008.
- BOM HUMOR GARANTE EMPREGO. 2008. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/humanities/1737333-bom-humor-garante-emprego>>. Acesso em: 9 abr. 2009.
- CANO, Maria. *A percepção dos pais sobre sua relação com os filhos adolescentes: reflexos da ausência de perspectivas e as solicitações de ajuda*. Tese de Livre Docência, Programa de Pós-Graduação da Escola de Ribeirão Preto, 1997.
- CARTER, W. Lee. *Por que os adolescentes ficam tão irritados?* São Paulo: Candeia, 1996.
- CARVAJAL, Guillermo. *Tornar-se adolescente: a aventura de uma metamorfose. Uma visão psicanalítica da adolescência*. São Paulo: Cortez, 2001.
- CAVALCANTI, Robinson. *Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica*. Viçosa: Ultimato, 2004.
- CERVENY, Ceneide; BERTHOUD, Cristiana. *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- CONTINI, Maria de Lourdes (Coord.). *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002.
- CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA. Adotada pela Resolução n. XLIV da Assembléia Geral das Nações Unidas, em 20 de novembro de 1989 e ratificada pelo Brasil em 20 de setembro de 1990. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/c_a/manual_cedica>. Acesso em: 14 abr. 2009.
- CURY, Augusto. *Pais brilhantes: professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DALLA-DÉA, P. F. *Igreja Católica e adolescentes urbanos: expectativas dos adolescentes em idade de confirmação da fé, em vista da construção de um novo método de catequese crismal*. 2006. 324 f. Trabalho de Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006.
- DAMATTA, R. Apresentação. In: VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

- DAUNIS, Roberto. *Jovens, desenvolvimento e identidade: troca de perspectiva na psicologia da educação*. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- DECLARAÇÃO doutrinária da CBB. *Revista Compromisso*. 4. sem. Rio de Janeiro: JUERP, 2003.
- DICIONÁRIO Aurélio eletrônico. Século XXI. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, nov. 1999.
- DOBSON, James. *Adolescência feliz*. São Paulo: Mundo Cristão, 1981.
- DORNAS, Lécio. *Socorro! Sou professor da Escola Dominical*. São Paulo: Exodus, 1997.
- DUSILEK, N. G. O educador religioso e o ministério da família. *Administração Eclesiástica*, Rio de Janeiro, jul./set. 1993.
- EGGERT, Edla. Entre heranças e desafios no campo da educação contínua: crianças, jovens e adultos. In: MARTINI, Romeu Ruben (Org.). *Batismo e educação cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- ERIKSON, Erik. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FALCÃO apud NUNES, Vera. Adolescência: eta fase complicada! *Novolhar*, São Leopoldo, ano 07, n. 26, mar./abr. 2009.
- FERREIRA, Berta. *O cotidiano do adolescente*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FORTE, M. J. P. O adolescente e a família. *Revista Pediatria*, São Paulo, v. 18, n. 3, 1996.
- FOWLER, James. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca do sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- FRAAS, Hans-Jürgen. *A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: uma contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Paulus, 2001.
- GARAIGORDOBIL, Maite. *Intervención psicológica con adolescentes: un programa para el desarrollo de la personalidad y la educación en derechos humanos*. Madrid: Pirámide, 2000.
- GEORGE, Sherron. *Igreja ensinadora: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1993.
- HENDRICKS, Howard. *Ensinando para transformar vidas*. Venda Nova: Betânia, 1991.
- HENZEL, Silvana. Amigos demais, pais de menos. *Novolhar*, São Leopoldo, ano 07, n. 26, mar./abr. 2009.
- HUMOR É HERANÇA TRANSMITIDA PELOS PAIS. Disponível em: <<http://www.saudesauade.com.br/saudesauade/arquivo.php?Numero=131>>. Acesso em: 29 abr. 2009.
- KALOUSTIAN, Sílvio Manoug; FERRARI, Mário. Introdução. In: KALOUSTIAN, Sílvio Manoug; FERRARI, Mário (Orgs.). *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 2000.

- KLEIN, Remí. *A narração de histórias bíblicas na perspectiva da criança: fundamentos e modelos narrativos*. 1996. Dissertação (Mestrado em Teologia) - São Leopoldo: EST, 1996.
- KLOSINSKI, G. *A adolescência hoje: situações, conflitos e desafios*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- KREIDER, Larry. *O clamor por pais e mães espirituais: projeto cem por um*. Igreja Batista Peniel no Jardim Rio Branco.
- LEOTO, Sérgio; LEOTO, Magali. *Escola de pais: cuidado! Adolescente em crise!* Disponível em: <<http://br.dir.groups.yahoo.com/group/escoladepais/message/623>>. Acesso: 05 maio 2009.
- LOPES, Jamiel. *Aprendendo a lidar com o adolescente: um manual prático para líderes e professores da Escola Bíblica Dominical*. São Paulo: Candeia, 1997.
- MACHADO, Ana Cláudia Oliveira. *A irritação do adolescente como sua expressividade no mundo atual e como os pais e professores podem ajudá-los a amadurecer mediante a essa emoção*. 2005. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Psicopedagogia) – Faculdade de Ciências Educacionais, Valença-BA, 2005.
- MARTINS, Vicente. *O papel educador do estado e da família*. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=593>>. Acesso em: 05 de abril. 2009.
- MCDOWELL, Josh; WAKEFIELD, Norm. *A diferença que o pai faz*. São Paulo: Candeia, 1995.
- MELO, Mônica. *A Representação da violência em adolescentes de escolas da rede pública de ensino do Município do Jaboaão dos Guararapes*. Disponível em: <http://www.abrasco.org.br/cienciaesaudecoletiva/artigos/artigo_int.php?id_artigo=3178>. Acesso em: 21 abr. 2009.
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação: juventude e contemporaneidade*, São Paulo, n. 4-5, 1997.
- MULATINHO, Mônica. *Crianças e jovens cada vez mais próximos das drogas*. Disponível em: <<http://www.braha.org/pt/cultura-das-drogas/61>>. Acesso em: 29 abr. 2009.
- _____. *Quando o Pai é uma "Mãe"*. Disponível em: <http://www.itodas.uol.com.br/Portal//mae/especial_dia_das_maes/materia.itd.aspx.cod=3860&canal=766>. Acesso em: 03 mai. 2009.
- MULLER, André. *Anos rebeldes: a psicologia da religião aplicada ao ensino de adolescentes*. 2005. 47f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005.
- OUTEIRAL, José. *O adolescer: estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- OZELLA, Sérgio. Adolescência e Psicologia. In: CONTINI, Maria de Lurdes J. (Coord.). *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002.
- PARSONS, Rob. *O pai sessenta minutos*. São Paulo: Betânia, 2002.

- PENIDO, Aloizio. *A Igreja em tempo de mudanças*. [s.l.:s.n, s.d.].
- PEQUENO, Andréia Cristina Alves. *Educação e família: uma união fundamental?*. Disponível em: <<http://www.ines.org.br/paginas/revista/texto2.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2009.
- PEREIRA, J. Reis. *História dos batistas no Brasil: 1882-1982*. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.
- PIAGET apud WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1997.
- RAMOS, Ariovaldo. *Nossa igreja brasileira: uma opinião sobre a história recente*. São Paulo: Hagnos, 2002.
- REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei n. 8.069. Brasília, 13 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l8069.htm>. Acesso em: 29 abr. 2009.
- _____. *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.
- RETRATO da família Brasileira. *Revista Crescer*. Disponível em: <<http://www.saranossaterra.com.br/visualizar.asp?cat=10&cod=5994>>. Acesso em: 05 mai. 2009.
- RICHARDS, Lawrence. *Teologia da educação cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- ROGÉRIO, Cláudio. *Estimulando o potencial do adolescente*. Disponível em: <<http://universobiblico.com.br/assembleia/estudosbiblicos/estimulandoopotencialdoadolescentes>>. Acesso em: 28 abr. 2009.
- ROSA, Merval. *Psicologia da religião*. Rio de Janeiro: JUERP, 1992.
- SPIESS, Vânia Maria. *Desenvolvimento infantil e sua relação de aprendizagem*. Disponível em: <<http://www.Unifebe.edu.br/divulgacao/discente08.doc>>. Acesso em: 14 abr. 2009.
- STRECK, Valburga. Famílias em transição: desafios para a sociedade e igreja. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 47, n. 1, jan./jun. 2007.
- STRECK, Valburga; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- TAKASHIMA, Geney M. O desafio da política de atendimento à família: dar vida às leis: uma questão de postura. In: KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (Org.). *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 2000.
- THUMS, Jorge. *Ética na educação*. Canoas: ULBRA, 2003.
- TIBA, Içami. *Adolescente: quem ama, educa!* São Paulo: Integrare, 2005.
- _____. *Disciplina: limite na medida certa*. São Paulo: Gente, 1996.
- TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- UNICEF. *A voz dos adolescentes*. Disponível em: <<http://www.unicef.org/brazil/pt/vozdosadolescentes02.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2009.

VAUGHAN, Charlotte Estelle. *Vai bem com as crianças?* *Administração Eclesiástica*, Rio de Janeiro, 1973.

VON SINNER, Rudolf. Confiança e convivência: aportes para uma hermenêutica da confiança na convivência humana. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 44, n. 1, jan./jun. 2004.

WAGNER, A. et al. A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n. 1, jan./jun. 2002.

WATARAI, Felipe; ROMANELLI, Geraldo. *Trabalho e identidade de adolescentes do sexo masculino de camadas populares*. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200089&script=sci_arttext>. Acesso em: 21 abr. 2009.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. v. 2. Brasília: UNB, 1999.

ZAGURY, Tânia. *Limites sem traumas*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ANEXO A: Dinâmicas que ajudam no crescimento espiritual e auxiliam na formação dos valores morais e espirituais

LOPES, Jamiel. **Aprendendo a lidar com o adolescente**: um manual prático para líderes e professores da Escola Bíblica Dominical. São Paulo: Candeia, 1997.

1) Desejar ao próximo o que deseja a si mesmo

Objetivo

Esta dinâmica tem por objetivo mostrar na prática que não devemos desejar ao próximo aquilo que não queremos para nós mesmos. “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles” (Mt 7.12).

Local

Sala ampla com cadeira em círculo.

Tempo

90 minutos.

Material Necessário

Lápis e papel.

Tamanho do grupo

O ideal é que o grupo seja formado, no máximo 20 pessoas.

Desenvolvimento

O facilitador deverá formar um círculo e distribuir, para os membros do grupo, lápis e papel. Em continuação, pedir para cada pessoa escrever, nesse papel, algum tipo de atividade que gostaria que o colega sentado à esquerda realizasse. Logo após, deve ser solicitado que o papel seja dobrado, evitando assim, que o companheiro tome conhecimento do que está escrito até o momento em que todos terminem. Ao concluir, pede-se para cada pessoa ler o que escreveu e desempenhar a tarefa que havia sugerido ao seu colega.

Conclusão

A conclusão é feita com discussão e aplicação da dinâmica.

2) Como os outros nos vêem

Objetivo

Levar o grupo a refletir sobre “como os outros nos vêem”.

Local

Sala ampla com cadeiras e círculo.

Tempo

90 minutos.

Material necessário

Lápis e papel.

Tamanho do grupo

O ideal é que o grupo seja formado de, aproximadamente, 25 pessoas, que se conheçam.

Desenvolvimento**1ª Etapa**

Ao iniciar, o facilitador deverá:

1. Falar sobre a necessidade de o indivíduo conviver em grupo e sobre a importância desse desenvolvimento psicossocial, deixando claro, inclusive, que o homem não é uma ilha para viver isolado, e o isolamento pode ser prenúncio de um distúrbio emocional.
2. Frisar que o grupo não é apenas um ajuntamento aleatório de indivíduos, mas uma reunião de pessoas que possuem objetivos comuns.
3. Destacar a importância dada por Jesus aos trabalhos em grupo no desempenho do Seu ministério.
4. Certificar-se de que a avaliação do grupo corresponde à imagem que, direta ou indiretamente, estamos projetando.
5. Mostrar que possuímos uma curiosidade acerca da imagem que os outros têm de nós. O próprio Jesus certa vez indagou: “Quem diz o povo ser o filho do homem?... Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?” (Mt. 16.13-15).

2ª Etapa

O facilitador deverá formar um círculo e distribuir, para os membros do grupo, papel e lápis: em seguida, pedir para cada pessoa escrever, nesse papel, o seu nome. Após um sinal, o papel deverá ser passado para o colega que está à esquerda. Este escreverá uma palavra ou frase sobre as características do colega cujo nome está escrito na folha. Após um minuto, o facilitador dará um sinal e pedirá que o papel seja passado para o colega da esquerda. O procedimento será o mesmo, até que o papel volte à mão do seu dono.

Conclusão

Ao concluir, cada pessoa deve ler o que os seus colegas escreveram e comentar sobre como se sente.

3) As Más Conversações Corrompem os Bons Costumes

Objetivo

O objetivo desta dinâmica é alertar o grupo sobre as más conversações, fofocas, ou mexericos, fazendo com que os membros percebam que nem sempre os fatos ocorrem da forma que ouvimos.

Local

Sala ampla com cadeiras

Tempo

Esta dinâmica dura, em média, 60 minutos.

Material Necessário

Uma pequena historia escrita com detalhes.

Tamanho do Grupo

O ideal é que o grupo seja formado por mais de 15 pessoas.

Desenvolvimento

O facilitador deverá iniciar lendo o texto de 1 Co 15.23: “ As más conversações corrompem os bons costumes” e Mt 7.1: “Não julgueis, para que não sejais julgados “. Em continuação, falará ao grupo da importância de conhecer o fato os acontecimentos para não acusar indevidamente as pessoas. Alertará sobre as más conversações. Depois pedirá que cinco pessoas saiam da sala por alguns instantes e não fiquem nas proximidades para não ouvirem o que vai ser tratado. Para o bom andamento da dinâmica, é importante que essas pessoas sejam voluntárias e não tenha dificuldades de falar no grupo. Após a saída dessas pessoas, o facilitador contará uma história, de preferência que uma pessoa na sala. Um dos membros do grupo, escolhido previamente, contará a história á pessoa que estava ausente; essa, por sua vez, contará ao próximo que entrar e assim sucessivamente até o último.

Conclusão

No final, o facilitador lerá mais uma vez a história original, comparando-a com o último relato, e a seguir estabelecerá uma discussão.

4) Você Entende de Gente

Objetivo

O objetivo desta dinâmica é mostrar ao grupo a importância de compreender o ouro as suas falhas, pois muitas vezes, algumas circunstâncias contribuem para uma mudança e comportamento.

Local

Sala ampla com cadeiras.

Tempo

Esta dinâmica dura, em média, 90 minutos.

Material Necessário

Duas folhas contendo as instruções da dinâmica, lápis e papel.

Tamanho do Grupo

O ideal é que o grupo seja formado de, no máximo, 25 pessoas.

Desenvolvimento

O facilitador deve distribuir uma folha de papel de instruções n 1 , conforme exposição a seguir, e pedir a cada componente que leia e responda ao que se pede. Ao concluir essa etapa, deve ser entregue a folha de instruções n 2 para o mesmo procedimento.

Conclusão

No final, o facilitador deve pedir que cada pessoa leia e comete o que escreveu nas duas

situações. Após a discussão, o facilitador deve ler o texto de 1 Co 4.5a e reforçar que devemos compreender o outro nas suas falhas, bem como conhecê-lo melhor antes de fazer um julgamento prévio.

6) Quem Sou Eu?

Objetivo

O objetivo desta dinâmica é levar as pessoas que têm dificuldade de auto-aceitação a aprender a amar-se, reconhecendo o seu valor pessoal.

Local

Sala ampla com cadeiras

Tempo

Esta atividade dura, em média, 90 minutos.

Material Necessário

Lápis e papel.

Tamanho do Grupo

O grupo deve ser formado de, no máximo, 25 pessoas.

Desenvolvimento

Ao aplicar esta dinâmica, o facilitador, caso não seja especializado, não deve aprofunda-se nos sentimentos do grupo, visto que algumas pessoas são traumatizadas, podendo, inclusive, desestruturar-se emocionalmente. Por isso, não se deve fugir do objetivo principal que é levar as pessoas com dificuldades de auto-aceitação a amar-se mais.

Esta dinâmica é dividida em três etapas:

1ª Etapa

O facilitador entregará uma folha de papel a cada participante e, gradativamente, pedirá que seja escrito:

- O seu nome
- O nome ou apelido pelo qual é chamado
- Como mais gosta de ser chamado
- O significado do nome, se conhecê-lo
- O que o nome representa para si mesmo
- Quem colocou esse nome, por quê?
- Se pudesse mudar, que nome daria a si mesmo. Por quê?

2ª Etapa

O facilitador pedirá que cada pessoa leia e comente o que escreveu.

3ª Etapa

Geralmente as pessoas que não aceitam o seu nome têm dificuldade de auto-aceitação. Em virtude disso, o facilitador deverá mostrar que devemos aprender a amar-nos. “Amar a si mesmo” de acordo com o que Cristo ensinou (Mt 22.39) não é o mesmo que amor-próprio citado pelo apóstolo Paulo em (2 Tm 3.2), que representa auto-adoração narcisista; isso significa ver-nos a nós mesmos como criaturas dignas, valorizadas e amadas por Deus.

Conclusão

Esta atividade poderá ser encerrada com uma oração pelas pessoas que sentem dificuldades de auto-aceitação.

7) Pacto na fogueira**Objetivo**

Proporcionar ao adolescente a oportunidade de ter uma experiência com Deus.

Local

Esta atividade é ideal para um retiro.

Tempo

Esta dinâmica dura, em média, 90 minutos.

Material Necessário

Uma fogueira e bastões ou gravetos suficientes para todos os participantes.

Tamanho do Grupo

Não existem limites de pessoas para esta atividade.

Desenvolvimento

Esta dinâmica divide-se em quatro etapas:

1ª Etapa

Deve-se acender uma fogueira antes de começar o trabalho, para que, no momento exato, esteja em chamas.

2ª Etapa

O grupo deve sentar-se em volta da fogueira formando um círculo. Cada pessoa deverá receber um bastão ou um graveto e segurá-lo nas mãos durante a atividade.

3ª Etapa

Durante 20 ou 30 minutos deverá haver um louvor com músicas, cânticos e apresentações. A seguir, uma pessoa convidada especialmente para esse fim, num espaço de aproximadamente 30 minutos, entregará uma mensagem, abordando o tema “Um pacto com Deus”. Essa mensagem pode ser baseada em Gn. 32.22-32 ou At. 9.1-8.

4ª Etapa

Após a mensagem, o preletor fará um apelo aos adolescentes que desejam estabelecer um pacto com Deus entregando sua vida a Ele. Os que aceitarem o desafio devem dirigir-se até à fogueira e colocar o bastão ou o graveto no fogo, dando um testemunho público da sua aliança com Deus.

Conclusão

Esta atividade encerra-se com uma oração a Deus pelas pessoas que se decidem por Ele.

8) Eu gostaria – Eu posso

Objetivo

O objetivo desta dinâmica é trabalhar a auto-estima do grupo, desenvolvendo, em cada pessoa, o pensamento da possibilidade, baseado na afirmação paulina: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fl. 4:13).

Local

Podem ser realizados em reuniões na Igreja, retiros, Escola Bíblica Dominical, etc.

Tempo

Esta dinâmica dura, em média, 50 minutos.

Material Necessário

Lápis e papel.

Tamanho do Grupo

O ideal é que o grupo seja formado de, no máximo, 25 pessoas.

Desenvolvimento

Esta dinâmica divide-se em quatro etapas:

1ª Etapa

O facilitador entregará uma folha de papel em branco a cada membro do grupo e pedirá que seja feita uma lista de todas as coisas que a pessoa gostaria de SER e TER, iniciando com a expressão “EU GOSTARIA DE...”.

2ª Etapa

Cada participante deverá ler a sua lista, compartilhando-a com o grupo.

3ª Etapa

O facilitador entregará outra folha de papel em branco e cada membro do grupo e pedirá que seja feita a mesma lista, substituindo apenas a expressão “EU GOSTARIA DE...” por “EU POSSO...”.

4ª Etapa

Cada pessoa deverá ler sua nova lista, verbalizando como se sente agora.

Conclusão

No final, o facilitador fará uma reflexão junto com o grupo, baseado ns textos Fl. 4:13 e Sl. 37:4.

9) Viver no mundo

Objetivo

O objetivo desta dinâmica é despertar a criatividade do grupo, levando-o a uma reflexão da sua vida no mundo, reconhecendo seu lugar, sua função, sua via e seu comportamento.

Local

Sala ampla com cadeiras e mesas.

Tempo

Esta atividade dura, em média, 90 minutos.

Material Necessário

Cartolina, lápis, giz de cera, cola, revistas e Bíblias.

Tamanho do grupo

O grupo deve ser formado de, no máximo, 25 pessoas.

Desenvolvimento

O facilitador pode iniciar sugerindo a leitura de alguns textos bíblicos que falem sobre o mundo. Em seguida, pede que cada pessoa desenhe, em uma cartolina, um círculo que simbolize o mundo, e, em continuação, mostre, através de pintura e colagens, como é esse mundo. Ao lado, a pessoa deve responder às seguintes perguntas:

- Como é o mundo?
- Qual é o meu lugar no mundo?
- Qual é a minha função no mundo?
- Como devo viver no mundo?
- Como é a Igreja no mundo?
- Como Deus vê o mundo?

Conclusão

Ao concluir, segue-se uma discussão de como cada um se sentiu.

10) Qual o meu dom?**Objetivo**

O objetivo desta dinâmica é proporcionar ao grupo a oportunidade de descobrir os seus dons.

Local

Sala ampla com cadeiras

Tempo

Esta atividade deve durar, em média, 110 minutos.

Material Necessário

Bíblias, papel e lápis.

Tamanho do grupo

O ideal é que o grupo seja formado, de no máximo, 30 pessoas.

Desenvolvimento

Esta atividade divide-se em quatro etapas:

1ª Etapa

Deverá ser entregue uma mensagem num espaço de aproximadamente 30 minutos sobre “Os Dons”, baseada nos textos de I Co. 12; Ef. 4 etc. Esta mensagem pode ser transmitida pelo

facilitador ou por outra pessoa convidada para esse fim. Devem ser enfatizados a busca dos dons e o significado de cada um deles.

2ª Etapa

O facilitador distribuirá uma folha de papel em branco, em seguida pedirá que cada participante relacione os diferentes dons descritos nas referências anteriormente citadas. (Há, em média, 19 a 29 dons.) Esta etapa deve durar cerca de 20 minutos.

3ª Etapa

O facilitador pedirá que cada pessoa lei silenciosamente a lista e atente para o significado dos dons, buscando perceber a existência de alguns deles em si mesmo. À medida que o dom for sendo descoberto, deve ser sublinhado.

Caso o facilitador queira mobilizar mais o grupo, e vez da lista, pode adotar o seguinte método: “Contar o número de participantes e escrever, em papezinhos, os nomes dos dons, de forma que exista um papelzinho para cada participante. Colocá-los em diferentes cestinhas. Cada um deve passar pelas cestinhas e pegar o papelzinho que sente que diz respeito ao dom que possui. Pode-se pegar quantos quiser”.

4ª Etapa

Cada pessoa apresentara sua lista de dons e compartilhará o porquê da sua escolha. O grupo deve ajudar aos que não conseguiram descobrir, apresentando sua percepção quanto á existência de dons que não foram escolhidos por essas pessoas. É importante que o grupo não tente ser apenas agradável, fazendo citações de dons que não percebe, mas frise, de fato, aqueles que existem e não foram percebidos pelas pessoas.

Conclusão

Esta atividade encerra-se com cada pessoa comentando sobre como se sentiu.

ANEXO B: Sugestões de trabalhos que proporcionam estabilidade social e emocional do adolescente

LOPES, Jamiel. **Aprendendo a lidar com o adolescente**: um manual prático para líderes e professores da Escola Bíblica Dominical. São Paulo: Candeia, 1997.

1) Formando Equipes

Objetivo

Facilitar o entrosamento do grupo, principalmente se ele for grande e tiver tendências para a formação de subgrupos.

Local

Sala ampla com cadeiras

Tempo

50 minutos

Material necessário

Lápis e papel

Tamanho do grupo

Para esta atividade, não há limites de pessoas.

Desenvolvimento

Esta dinâmica deverá ser aplicada quando se deseja dividir o grupo em equipes, dando oportunidades aos membros de trabalhar com elementos diferentes, facilitando assim a relação interpessoal.

O facilitador escreverá em papéis, em números iguais, nomes de cidades, estados, regiões, países, continentes, etc., de acordo com a quantidade de grupos que desejar formar. Em seguida, dobrará esses papéis e fará um sorteio. Cada pessoa procurará os membros da sua equipe de acordo com a identificação do nome. Assim serão formadas as equipes das cidades, dos estados, das regiões, dos países, dos continentes, etc.

Para diversificar, o facilitador poderá, em outras ocasiões, usar números ou letras em vez de nomes, formando grupo dos números 1, grupo dos números 2, grupos do número 3, etc., ou ainda de letras A, grupo das letras B, etc.

2) Correio da amizade

Objetivo

Promover melhor relacionamento entre os membros do grupo.

Local

Sala ampla com cadeiras.

Tempo

50 minutos.

Material necessário

Lápis e papel.

Tamanho do grupo

20 pessoas

Desenvolvimento

O facilitador entregará uma folha de papel em branco a cada participante, pedindo que eles escolham uma ou mais pessoas para quem desejem escrever uma mensagem, e, ao escrevê-la, dobrem o papel e ponham o nome da pessoa a quem se destina, ficando a seu critério se assinarão ou não o seu próprio nome. As mensagens deverão ser colocadas numa cesta ou caixa posta no centro da sala para esse fim. Logo depois, cada pessoa deverá dirigir-se a esse local e retirar suas mensagens.

Conclusão

Concluindo, cada pessoa deverá ler suas mensagens e comentar sobre como se sentiu.

3) Amigo secreto

Objetivo

Desenvolver melhor relacionamento interpessoal do grupo.

Local

Sala ampla com cadeiras.

Tempo

60 minutos.

Material necessário

Um presente confeccionado pela própria pessoa.

Tamanho do grupo

25 pessoas

Desenvolvimento

Esta atividade deve ser realizada num grupo que já conviva há algum tempo.

O facilitador deverá pedir, uma semana antes, que cada pessoa confeccione um presente para alguém que deseje. Não se pode comprar o presente pronto. Deve ser algo feito pela própria pessoa.

No dia da entrega, cada um devera dirigir-se ao amigo secreto que escolheu, obedecendo a uma seqüência predeterminada. O facilitador deverá reservar presentes para as pessoas que não receberem nenhum, pois poderá ser despertado nessas pessoas um sentimento de rejeição, principalmente se elas se sentiram rejeitadas algum dia. Se o facilitador não for especializado, não deverá aprofundar-se nos sentimentos dessas pessoas, mas presenteá-las e mencionar o objetivo do trabalho.

Conclusão

Esta atividade encerra-se com cada pessoa falando como se sentiu.
Numa atividade terapêutica pode ser explorada, além do sentimento de rejeição, a representação do objeto para quem fez e para quem recebeu.

4) Apresentação

Objetivo

Proporcionar entrosamento entre os membros de um grupo formado por pessoas desconhecidas, antes da realização de alguma atividade.

Local

Esta atividade é ideal no início de uma Escola Bíblica de Férias, num retiro, etc.

Tempo

45 minutos

Tamanho do grupo

Para essa atividade não existe limite de pessoas.

Desenvolvimento

O facilitador pedirá que cada pessoa se apresente, dizendo seu nome, o que faz na vida, como se sente em relação ao grupo e qual a expectativa em relação à atividade que deverá ser executada.

Conclusão

Esta atividade deverá ser encerrada depois de todas as pessoas terem se apresentado.

5) Minigincana

Objetivo

Utilizar o espírito competitivo dos adolescentes, visando melhor socialização e integração entre eles.

Local

Esta atividade deverá ser realizada num salão grande, sem cadeiras ou ao ar livre, facilitando a locomoção dos líderes das equipes até a mesa julgadora.

Tempo

90 minutos

Material necessário

Lousa, giz, mesa, lápis e papel.

Tamanho do grupo

Até 50 pessoas.

Desenvolvimento

A atividade é realizada pelos seguintes membros: coordenador ou facilitador, mesa julgadora formada por três pessoas, um auxiliar e as equipes.

O coordenador fará a leitura das instruções da dinâmica e coordenará a atividade, anunciando cada tarefa a ser desempenhada.

A mesa julgadora determinará se os pontos foram ou não válidos. O auxiliar fará a computação de pontos, anotando-os num quadro-negro.

Formam-se duas ou mais equipes de 10 pessoas e escolhe-se um líder para cada uma delas.

As equipes serão conhecidas por letras, números ou nomes.

Após a leitura das instruções, o coordenador anunciará as atividades, uma de cada vez. Vence a equipe que fizer o maior número de pontos.

Conclusão

Esta atividade encerra-se com a computação da soma total dos pontos e o anúncio da classificação das equipes.

Instruções:

*Cada equipe escolherá seu líder.

*As equipes devem se posicionar a uma certa distância da mesa julgadora.

*As equipes devem se agrupar em fila ou círculo desde que todos se posicionem do mesmo modo.

*As equipes trabalharão em conjunto na realização de uma tarefa, no entanto só o líder pode entregá-la.

*Só serão válidas as tarefas entregues pelo líder.

*A equipe perderá um ponto se algum membro, que não o líder, se desloca do seu lugar.

*A equipe que trouxer primeiro o que se pede ganhará os pontos.

*Se os líderes chegarem ao mesmo tempo, os pontos serão dados às suas respectivas equipes.

*Cada atividade vale de acordo com sua ordem. Por exemplo, a primeira atividade vale 1 ponto; a segunda, 2 pontos; a terceira, 3 pontos e assim sucessivamente, aumentando as chances de todas as equipes.

*A mesa julgadora deve analisar o material solicitado e julgar se os pontos serão ou não válidos.

*Havendo empate na soma total de pontos, o coordenador solicitará mais tarefas para o desempate.

Tarefas que podem ser solicitadas na minigincana

*Um Bíblia de borda dourada.

*Apresentação, por escrito, do nome dos 12 discípulos de Jesus.

*Um relógio com mostrador preto.

Uma cédula de R\$ 50,00 que deve ser devolvida automaticamente.

*Um membro da equipe levado pelo líder que recite o Salmo 23.

*uma pessoa que esteja vestida com uma roupa de determinada marca (escolhida pelo coordenador).

*Apresentação, por escrito de uma referencia bíblica que fale sobre “amar ao próximo”.

- *Uma Bíblia com cantor cristão.
- *Uma caneta dourada.
- *Apresentação por escrito, dos nomes das doze tribos de Israel.
- *Apresentação, por escrito, dos nomes dos três elementos que havia na arca do concerto, no templo em Jerusalém.
- *A pessoa que tem o maior pé.
- *A pessoa que tem o menor pé.
- *A pessoa mais alta.
- *A pessoa mais baixa.
- *A pessoa mais gorda.
- *A pessoa mais magra.

Essas são apenas algumas sugestões. O facilitador deve criar muitas outras tarefas. O ideal é que elas sejam escritas.

6) Virtudes defeitos

Objetivo

Trabalhar a auto-estima do grupo ajudando as pessoas a descobrir seus defeitos e suas virtudes, além de proporcionar maior integração entre os participantes.

Local

Sala ampla com cadeiras.

Tempo

90 minutos.

Material necessário

Lápis e papel.

Tamanho do grupo

20 pessoas.

Desenvolvimento

Esta atividade divide-se em 03 etapas:

1ª Etapa

O facilitador pedirá que cada pessoa forme par com alguém (havendo número ímpar de pessoas, uma dupla se transformará num trio). Em seguida, distribuirá uma folha de papel a cada participante, que deverá escrever duas coisas de que não goste em si mesmo, iniciando com a expressão: “Eu sou...”. Ao concluir, compartilhará com o parceiro. Esta etapa durará, em média, 20 minutos.

2ª Etapa

Na mesma folha o participante escreverá 10 coisas que aprecie em si mesmo, iniciando com a expressão: “Eu sou...”. Na maioria das vezes, as pessoas sentem dificuldade de reconhecer suas qualidades, por isso o parceiro pode ajudar essa pessoa sugerindo várias qualidades e virtudes que acha que o outro possui. Ao concluir, compartilhará com o parceiro. Esta etapa durará em média, 30 minutos.

3ª Etapa

Cada pessoa deverá ler sua lista de defeitos e virtudes. Algumas pessoas sentirão dificuldade de se expressar. O facilitador deverá estimular essas pessoas enfatizando que é possível reconhecer nossas virtudes sem, contudo, nos tornar soberbos.

Conclusão

Esta atividade encerra-se com a verbalização de cada pessoa a respeito de como se sentiu.

7) Expressando sentimento positivos**Objetivo**

Fazer com que as pessoas aprendam a expressar sentimentos positivos em relação aos companheiros do grupo.

Local

Sala ampla sem cadeiras.

Tempo

50 minutos

Tamanho do grupo

15 pessoas.

Desenvolvimento

A dinâmica só deve ser aplicada num grupo de pessoas que já conviva há algum tempo. O grupo deve ficar em pé num círculo fechado, enquanto cada pessoa, uma de cada vez, expressará silenciosamente algum sentimento positivo em relação a cada membro do grupo. Pode ser um abraço, um aperto de mão, um beijo ou qualquer gesto que demonstre afeto e amizade.

Conclusão

Esta atividade deveser encerrada com um comentário de cada pessoa sobre o que sentiu.

8) Segredos**Objetivo**

Proporcionar entrosamento, maior afinidade e confiança entre os membros de um grupo.

Local

Sala ampla sem cadeiras.

Tempo

90 minutos

Tamanho do grupo

20 pessoas.

Desenvolvimento

O grupo deve dividir-se em duplas. Cada dupla escolherá um local mais adequado na sala, sentando-se um de frente para o outro; em seguida, o facilitador pedirá que todos fechem os olhos e pensem em três segredos que menos gostariam que seu parceiro soubesse.

Não é necessário ter pressa para decidir sobre eles. Após a escolha, a pessoa deve perceber como se sente em relação aos 03 segredos. Em continuação, cada um, silenciosamente, deve imaginar-se contando esses segredos ao parceiro, e qual seria a reação dele.

Depois deve abrir os olhos e, sem contar quais são os segredos, comentar o que imaginou sobre as reações do companheiro, caso viesse a descobri-los. Também deve expressar como se sente em relação aos segredos que seu parceiro esconde. Depois fará uma análise de como seus segredos afetam o relacionamento com essa pessoa. No final, se acha que pode assumir o risco de contá-los, deve fazê-lo comparando suas expectativas com a realidade.

Conclusão

Todos compartilharão sobre como foi a experiência.

8) Encenação

Objetivo

Explorar o potencial do grupo, despertando a criatividade e a socialização entre os seus membros.

Local

Sala ampla com cadeiras.

Tempo

90 minutos

Tamanho do grupo

20 pessoas.

Desenvolvimento

O grupo deverá ser dividido em equipes. Cada equipe deverá escolher uma história bíblica e encená-la. Os papéis, os diálogos e a forma como será feita a dramatização ficarão por conta da equipe.

Conclusão

Esta atividade deverá ser encerrada depois de todas as pessoas terem comentado o que sentiu no papel, o que ele tem que ver com sua personalidade e como foi a experiência.

9) Exercício de confiança

Objetivo

Proporcionar entrosamento e levar os membros de um grupo a confiar uns nos outros.

Local

Sala ampla sem cadeiras.

Tempo

45 minutos

Tamanho do grupo

08 a 10 pessoas.

Desenvolvimento

O grupo ficará em pé, num círculo, enquanto uma pessoa se deslocará para o centro, fechará os olhos e cruzará os braços em cima do peito, passando a oscilar de uma parte para outra. O grupo deverá segurar lentamente essa pessoa com as mãos, aumentando e diminuindo o círculo lentamente.

Antes de iniciar a dinâmica, o facilitador passará as seguintes instruções: “A idéia básica é dar à pessoa, no centro, uma experiência de confiança. Ela deve confiar em vocês, crer que não a deixarão cair, e vocês precisam inspirar essa confiança de modo a lhe oferecer uma situação confortável e segura. Não sejam rudes e não joguem a pessoa daqui pra lá. Vocês podem ser delicados e tranquilos, mesmo quando o círculo aumentar. Se vocês acharem que a pessoa no meio está tendo uma experiência rude, diminuam o círculo por algum tempo. Não falem nem riam. Tentem fazer o exercício completo, de forma que a pessoa, no meio, possa realmente entrar em contato com sua experiência, sem se distrair”.

A pessoa no centro deve relaxar o mais que puder, mantendo o corpo bem reto, não curvando os joelhos ou os quadris, deixando os pés inteiros no chão e soltando os tornozelos.

Conclusão

Esta atividade deverá ser encerrada com cada um comentando o que sentiu.

10) Dar e receber apreço

Objetivo

Proporcionar entrosamento entre os membros de um grupo através da capacidade de dar e receber apreço.

Local

Sala ampla sem cadeiras.

Tempo

60 minutos.

Tamanho do grupo

20 pessoas.

Desenvolvimento

O grupo deve ser dividido em duplas. A escolha deverá ser pessoal. Cada dupla escolherá um local onde possa sentir-se mais à vontade e sentar-se um de frente para o outro. Em

seguida, o facilitador inicia dizendo: “Uma suposição que fazemos freqüentemente é a de que os outros sabem quanto nós os apreciamos. Temos certeza de que os outros sabem quanto nós os apreciamos. Temos certeza de que eles sabem quando estamos satisfeitos, de modo que não nos preocupamos em expressar nosso apreço diretamente. Mesmo que eu saiba que você gosta de mim, fico contente em ouvi-lo dizer de vez em quando. Agora quero que, um de cada vez, vocês digam ao parceiro o que apreciam nele. Comecem cada sentença com as palavras ‘Eu aprecio...’ e continue a afirmar o seu apreço de maneira específica e detalhada”.

Conclusão

No final, o grupo compartilhará a experiência e expressará como se sentiu ao dar e receber apreço.

ANEXO C: Cronograma de aulas

I IGREJA BATISTA DE VALENÇA
CRONOGRAMA DE AULAS
ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL
CLASSE: RAIZES DE DEUS
PROFª: ANA CLÁUDIA OLIVEIRA MACHADO
ADOLESCENTES

ABRIL

05/04	Fé e religião – Igreja? Pra quê?
12/04	Adolescente – Quem sou eu?
19/04	O perigo do ocultismo – Você acredita em horóscopo?
26/04	Gravidez na adolescência – Os perigos do aborto

MAIO

03/05	O perigo do ocultismo – Você acredita em assombração?
10/05	Os perigos da mídia – Mensagens subliminares
17/05	O perigo das drogas
24/05	Pensamentos impuros – Uma porta para o mal
31/05	Com Deus não se brinca

JUNHO

07/06	O que é homossexualismo?
14/06	A violência – Como o cristão deve agir?
21/06	Piercing, anabolizantes e tatuagens – Devo usar?
28/06	As armadilhas do prazer

ANEXO D: Para professores da EBD

Como trabalhar com adolescentes?

www.bernerartes.com.br/ideiasedicas/dicas/adolescentes.htm

Trabalhar com adolescentes é um desafio! Ao longo dos anos em que trabalhei com eles, e nas matérias que li a respeito, aprendi que o seguinte ajuda:

- Seja honesto e franco - se você não sabe uma resposta, não enrole, pesquise e responda depois. Peça desculpas quando você cometer um erro. Incentive a conversa aberta e crie uma relação de confiança com os jovens, assim eles passarão a se sentir à vontade para fazer perguntas e participar.
- Respeite as opiniões - eles já querem ser tratados como adultos, mas precisam que você ajude-os a perceber erros e problemas. Ao mesmo tempo, adolescentes ainda tem muito de criança dentro de si. Promova o respeito mútuo - para com você e entre eles.
- Utilize temas atuais e do interesse deles, ou tente atualizar os temas que você vai trabalhar. Mantenha-se atualizado sobre os interesses dos jovens: preste atenção às vitrines de lojas, assista um pouco de TV os programas que eles gostam, converse com professores, psicólogos e profissionais que convivem com eles. Muitas editoras estão publicando Bíblias adaptadas as linguagens de torpedos ou com gírias; daria para fazer um trabalho interessante comparando estas com as versões tradicionais e na linguagem de hoje.
- Varie as técnicas na medida do possível; use dinâmicas, vídeos, jogos de computador, brincadeiras, trabalhos manuais - coisas nas quais os jovens possam participar e fazer por eles mesmos. Adolescentes gostam de novidades, de ser surpreendidos, de se movimentar. Aqui no site visite as páginas de jogos e dinâmicas
- Evite palestras ou lições de moral. Leve os jovens a encontrar a "moral" por eles mesmos. Uma técnica interessante é a do tribunal: divida a turma em 2 grupos - acusação e defesa (você pode ainda ter um 3o. grupo para júri, dependendo do tamanho da turma). Proponha um texto bíblico, por exemplo, uma atitude controversa de Jesus. Os jovens devem apresentar seus pontos de vista, de acordo com o grupo a que pertence, podem convocar testemunhas (personagens que outros jovens irão interpretar). É preciso chegar a uma conclusão no final - se nem todos concordam que pelo menos todos entendam o que levou Jesus a agir como agiu. Pesquise em livros de

técnicas de dinâmicas de grupo ou peça ajuda a profissionais de Recursos Humanos / RH para outras técnicas como esta.

- Conte histórias, essa é uma atividade que atrai todas as idades - quem não gosta de um pouco de mistério, romance, aventura? A Bíblia tem inúmeras passagens interessantes, divertidas, guerras, paixões, etc.
- Crie momentos descontraídos, sem tema ou responsabilidade (um jogo de futebol ou queimado depois da reunião, um piquenique ou passeio, gincanas, etc..) - o ambiente informal ajuda a promover a integração e a amizade entre os jovens. Se possível, participe uma vez ou outra dos jogos, não como coordenador, mas como membro da equipe.

No mais, se entregue nas mãos de Deus, ele te guiará. E mantenha a mente aberta para aprender sempre!

ANEXO E: Para os Pais

Quem ama Educa

www.saranossaterra.com.br/visualizar.asp?cat=10&cod=5994 - 18k -

Por Bispa Lúcia Rodovalho

Confira trechos de uma palestra com preleção do Dr. Içami Tiba*, um dos maiores psicólogos da atualidade.

- 1.** A educação não pode ser delegada à escola. Aluno é transitório. Filho é para sempre.
- 2.** O quarto não é lugar para fazer criança cumprir castigo. Não se pode castigar alguém com internet, som, tv, etc.
- 3.** Educar significa punir as condutas derivadas de um comportamento errôneo. Queimou índio pataxó, a pena (condenação judicial) deve ser passar o dia todo em hospital de queimados.
- 4.** Confrontar o que o filho conta com a verdade real. Se falar que professor o xingou, tem que ir até a escola e ouvir o outro lado, além das testemunhas.
- 5.** A autoridade deve ser compartilhada entre os pais. Ambos devem mandar. Não podem sucumbir aos desejos da criança. Criança não quer comer? A mãe não pode alimentá-la. A criança deve aguardar até a próxima refeição que a família fará. A criança não pode alterar as regras da casa. A mãe **NÃO PODE** interferir nas regras ditadas pelo pai (e nas punições também) e vice-versa. Se o pai disse que não ganhará doce, a mãe não pode interferir. Tem que respeitar sob pena de criar um delinqüente. Em casa que tem comida, criança não morre de fome. Se ela quiser comer, saberá a hora. E é o adulto tem que dizer **QUAL É A HORA** de se comer e o que comer.
- 6.** A criança deve ser capaz de explicar aos pais a matéria que estudou e na qual será testada. Não pode simplesmente repetir, decorado. Tem que entender.
- 7.** Temos que produzir o máximo que podemos, pois na vida não podemos aceitar a média exigida pelo colégio. Não podemos dar 70% de nós, ou seja, não podemos tirar 7,0.
- 8.** As drogas e a gravidez indesejada estão em alta porque os adolescentes estão em busca de prazer. E o prazer é incoseqüente, pois aquela informação, de que droga faz mal, não está gerando conhecimento.
- 9.** Se o pai ficar nervoso porque o filho aprontou alguma coisa, não deve alterar a voz.

Deve dizer que está nervoso e, por isso, não quer discussão até ficar calmo. A calmaria, deve o pai dizer, virá em 2, 3, 4 dias. Enquanto isso, o videogame, as saídas, ficarão suspensas, até ele se acalmar e aplicar o devido castigo.

10. Se o filho não aprendeu ganhando, tem que aprender perdendo.

11. Não pode prometer presente pelo sucesso que é sua obrigação. Tirar nota boa é obrigação. Não xingar avós é obrigação. Ser polido é obrigação. Passar no vestibular é obrigação. Se ganhou o carro após o vestibular, ele o perderá se desistir ou for mal na faculdade.

12. Quem educa filho é pai e mãe. Avós não podem interferir na educação do neto, de maneira alguma. Jamais. Não é cabível palpite. Nunca.

13. Videogames são um perigo. Os pais têm que explicar como é a realidade. Na vida real, não existem 'vidas', e sim uma única vida. Não dá para morrer e reencarnar. Não dá para apostar tudo, apertar o botão e zerar a dívida.

14. Professor tem que ser líder. Inspirar liderança. Não pode apenas bater cartão.

15. Pai não pode explorar o filho por uma inabilidade que o próprio pai tenha. 'Filho, digite tudo isso aqui pra mim porque não sei ligar o computador'. O filho tem que ensiná-lo para aprender a ser líder. Se o filho ensina o líder (pai), então ele também será um líder. Pai tem que saber usar o Skype, pois no mundo em que a ligação é gratuita pelo Skype, é inconcebível o pai pagar para falar com o filho que mora longe.

16. O erro mais freqüente na educação do filho é colocá-lo no topo da casa. Não há hierarquia. O filho não pode ser a razão de viver de um casal. O filho é um dos elementos. O casal tem que deixá-lo, no máximo, no mesmo nível que eles. A sociedade pagará o preço quando alguém é educado achando-se o centro do universo.

17. Cair na conversa do filho é criar um marginal. Filho não pode dar palpite em coisa de adulto. Se ele quiser opinar sobre qual deve ser a geladeira, terá que saber qual é o consumo (KWh) da que ele indicar. Se quiser dizer como deve ser a nova casa, tem que dizer quanto que isso (seus supostos luxos) incrementará o gasto final.

18. Dinheiro 'a rodo' para o filho é prejudicial. Tem que controlar e ensinar a gastar.

*Médico pela Faculdade de Medicina da USP. Psiquiatra pelo Hospital das Clínicas da FMUSP. Professor-Supervisor de Psicodrama de Adolescentes pela Federação Brasileira de Psicodrama. Membro da Equipe Técnica da Associação Parceria Contra Drogas - APCD.